

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

ALINE APARECIDA FERREIRA ZANINI

A DESCRIÇÃO DO LÉXICO DAS CORES EM LIBRAS: QUESTÃO DE VARIAÇÕES

**CAMPO GRANDE – MS
2023**

ALINE APARECIDA FERREIRA ZANINI

A DESCRIÇÃO DO LÉXICO DAS CORES EM LIBRAS: QUESTÃO DE VARIAÇÕES

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze.

Área de Concentração: Estudos de Linguagem

**CAMPO GRANDE – MS
2023**

ALINE APARECIDA FERREIRA ZANINI

A DESCRIÇÃO DO LÉXICO DAS CORES EM LIBRAS: QUESTÃO DE VARIAÇÕES

APROVADA POR:

BRUNO OLIVEIRA MARONEZE, DOUTOR (PPGEL-UFMS)

APARECIDA NEGRI ISQUERDO, DOUTORA (PPGEL-UFMS)

ALEXANDRE MELO DE SOUSA, DOUTOR (UFAC)

Campo Grande, MS, _____ de _____ de _____.

Dedico esta dissertação a todos que compõem a comunidade surda e carregam nas mãos todos os sentimentos do mundo.

AGRADECIMENTOS

Pai e Mãe, se hoje eu estou escrevendo agradecimentos da minha dissertação em uma Instituição Federal, é porque vocês me deram apoio e me sustentaram até aqui.

Pai, sem seu pincel, sua lixa, seu baldinho de tinta e sua escada, a minha trajetória não existiria, foi seu incansável esforço que me tornou a professora que sou hoje. A cada casapintada meu futuro também se tornava colorido.

Mãe, vendo você limpando e passando roupas de outras famílias foi como eu cresci e pude construir meu caráter, com muita dignidade e orgulho. Você é a minha inspiração e sou grata por cada vez que você chorou meu choro e não me deixou desistir.

Ao meu irmão, que é meu melhor amigo e disse “tô fora” a cada apresentação ou artigo que eu tive que fazer: irmão, você é o motivo para eu não parar de estudar, quero poder te dar tudo aquilo que eu não tive.

Também tenho que agradecer ao meu orientador, Bruno Maroneze, por acreditar em mim quando eu nem mesmo acreditava. Que ser humano bom e honesto Deus colocou no meu caminho!

Agradeço também às minhas melhores amigas, minhas irmãs, Larissa e Franciely, que fazem parte dessa trajetória desde a graduação: sem o acolhimento de vocês, eu nada seria.

E, por fim, agradecer ao meu companheiro de vida e meu esposo Felipe que é meu melhor amigo e incentivador *máster*. Sem você, meu amor, a vida seria menos engraçada, menos divertida. Obrigada por partilhar seus sonhos comigo e segurar a minha mão nos dias difíceis, obrigada por me abraçar nos momentos de felicidade e me aconselhar quando eu precisava. Este trabalho é fruto do seu apoio incondicional.

Obrigada, UFMS, pela oportunidade de aprendizagem e conhecimento, você foi a faculdade dos meus sonhos desde os 16 anos de idade!

E obrigada, Deus, por sempre colocar pessoas especiais na minha vida e realizar meus sonhos, na hora certa, no momento certo.

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado tem como objetivo descrever a variação linguística presente nos sinais das cores primárias (vermelho, azul e amarelo) em Libras quando associadas a uma imagem e quando não associadas (em seu “estado puro”). Para isso, foram entrevistados dez colaboradores das regiões de Campo Grande e Dourados, de ambos os sexos, de idades entre 20 e 41 anos, com diferentes graus de conhecimento de Libras e todos com o ensino médio completo. O método aplicado a esta pesquisa constitui-se como qualitativo. No início, um questionário em Libras foi dividido em duas partes e enviado aos dez colaboradores da pesquisa. A primeira parte foi constituída de perguntas sobre o nome, idade, com quantos anos aprendeu Libras e quem ensinou Libras para essa pessoa, já a segunda etapa foi ordenada por perguntas em relação as cores primárias. Os dados foram coletados através de vídeos recebidos pela plataforma WhatsApp. Após a coleta de dados, todas as respostas foram analisadas e descritas em tabelas no corpo do texto que possuem como principal referencial teórico Quadros e Karnopp (2004). Os dados demonstraram que a variação linguística nas cores sofrem diferentes influências como a idade, grau de escolaridade e fluência em Libras. Já os colaboradores mais novos sinalizaram a cor juntamente com algum objeto ou adjetivo, como “claro” ou “escuro”. Dos quatro colaboradores masculinos que aprenderam Libras na infância, três associaram as cores a algum objeto e apenas um voluntário maior de 30 anos associou a cor a adjetivos. A cor mais associada ao adjetivo foi a cor “amarela”, enquanto as cores mais escuras como “azul” e “vermelho” foram associadas a outras imagens. As mulheres apresenta contato tardio com a Libras: uma associou as cores aos adjetivos “claro” e “escuro” e a outra associou a outras imagens. Ambas completaram o Ensino Médio.

Palavras-chave: Libras; Variações; Léxico; Cores.

ABSTRACT

The present master's research aims to describe the linguistic variation present in the signs of the primary colors (red, blue and yellow) in Libras when associated with an image and when not associated (in its "pure state"). For this, ten employees from the regions of Campo Grande and Dourados were interviewed, of both sexes, aged between 20 and 41 years, with different degrees of knowledge of Libras and all with complete high school education. The method applied to this research is qualitative. In the beginning, a questionnaire in Libras was divided into two parts and sent to the ten research collaborators. The first part consisted of questions about name, age, how old they learned Libras and who taught Libras to this person, while the second stage was ordered by questions regarding primary colors. The data were collected through videos received by the WhatsApp platform. After data collection, all responses were analyzed and described in tables in the body of the text, whose main theoretical framework is Quadros and Karnopp (2004). The data showed that the linguistic variation in colors suffers different influences such as age, level of education and fluency in Libras. Younger employees, on the other hand, signaled the color along with an object or adjective, such as "light" or "dark". Of the four male collaborators who learned Libras in childhood, three associated the colors with an object and only one volunteer over 30 years of age associated the color with adjectives. The color most associated with the adjective was the color 'yellow', while darker colors such as 'blue' and 'red' were associated with other images. The women had late contact with Libras: one associated the colors with the adjectives "light" and "dark" and the other associated it with other images. Both completed high school.

Keywords: Libras; Variations; Lexicon; Colors.

LISTA DE SIGLAS

CM - Configuração de mão

ENM - Expressões não manuais

INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

L - Locação

M - Movimento

OR – Orientação de mão

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

- Figura 1** – Sinal de cor com a mão dominante
Figura 2 – Ponto de articulação
Figura 3 – Espaço de articulação das mãos
Figura 4 – Sinal de reciclagem
Figura 5 – Sinal de qual
Figura 6 – Sinal de “TUDO BEM?”
Figura 7 – TCLE
Figura 8 – TCLE
Figura 9 – Questionário
Figura 10 – Qual seu nome?
Figura 11 – Você aprendeu libras quando?
Figura 12 – Quem te ensinou libras?
Figura 13 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias)
Figura 14 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias)
Figura 15 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias)
Figura 16 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias associadas aimagem)
Figura 17 - Qual sinal dessa cor? (cores primárias associadas aimagem)
Figura 18 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias associadas aimagem)
Figura 19 – Cor vermelha segundo o dicionário INES
Figura 20 – Cor azul segundo o dicionário INES
Figura 21 – Cor amarela segundo o dicionário INES
Figura 22 – Sinal de vermelho segundo os voluntários
Figura 23 – Sinal de azul segundo os voluntários
Figura 24 – Sinal de amarelo segundo os voluntários
Tabela 1 – Sexo e idade de cada voluntário
Tabela 2 – Você aprendeu libras quando?
Tabela 3 – Voluntários por ordem de idade (maioridade a menoridade)
Tabela 4 – Resultado das associações das cores com objetos
Tabela 5 – Resultados finais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - O LÉXICO DAS CORES	13
1.1 COMO VEMOS AS CORES?	17
CAPITULO 3 - CULTURA E LÉXICO	26
CAPITULO 4 - METODOLOGIA	32
4.1 ESCOLHA DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS.....	32
4.2 QUESTÕES DA ENTREVISTA.....	33
4.3 EXPLICAÇÕES SOBRE A ESCOLHA DAS PERGUNTAS	42
CAPITULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS.....	45
5.1 ANÁLISE DOS DADOS DOS VOLUNTÁRIOS.....	45
5.2 A VISÃO, A LUZ E AS CORES.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Foi a partir de uma aula em 2016 na estrutura curricular da licenciatura, que descobri que a Libras também é uma língua natural e possui uma estrutura fonológica, morfológica, sintática e semântica e, desde então, procuro entender mais sobre a funcionalidade dessa língua.

Hoje, um pouco mais inserida na comunidade surda, como futura intérprete e tradutora, percebo que a sociedade ouvinte, ainda, atrela a surdez a uma deficiência cognitiva ou incapacidade, não reconhecendo a Libras como língua materna comum de seus falantes, e sim, uma mímica ou gestos que são usados entre pessoas com algum “problema” intelectual e que não oralizam.

Essa problematização com a não oralização das pessoas surdas vem desde a Grécia Antiga, segundo De Lima e Ribeiro (2021), em *Aspectos Históricos da Educação de Surdos*, onde o surdo era considerado incapaz de realizar atividades básicas e, até mesmo, poderia ser morto. Assim, tudo que fugia da “normalidade” era retirado da sociedade e impossibilitado de exercer qualquer função daquele corpo social.

É só no século XVI, segundo Strobel (2009), que os estudos sobre surdos começam a ganhar força na Europa com Pedro Ponce de León, John Bulwer, Juan Pablo Bonet e o professor Michel de L'Épé e os paradigmas sobre a surdez e sua língua começam a ser contestados.

Já no Brasil, a afirmação cultural e linguística desse grupo começa a tomar forma na institucionalização de leis, como, por exemplo, a lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que assegura a Libras como a primeira língua dos surdos:

Art. 1º-É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (Brasil, 2002).

E também o decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro, de 2005, que assegura o direito à informação, comunicação e educação aos surdos:

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. (Brasil, 2005).

Assim, por intermédio dessas leis é que, para Paulo Victor Cassiano (2017, p. 4), são promovidos os direitos fundamentais para o grupo. Além disso, os direitos não podem ser vistos como isolados, considerando que a comunidade surda é composta de tradutores, intérpretes, ouvintes, surdos e entre outros.

Essa comunidade, outrora excluída, agora, passa a ser reconhecida, e ter os seus direitos garantidos por leis.

E, com as leis assegurando seus direitos, e a comunidade sendo fortalecida política e socialmente, nota-se também o crescimento de pesquisas e trabalhos científicos, seja no campo da linguística, da escrita de sinais, fonético-fonológico ou da educação bilíngue.

São inúmeros os estudos que ajudam a entender melhor o funcionamento da Libras e criam uma compreensão em torno da língua que foi tão estigmatizada e marginalizada, como, por exemplo Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004).

Por isso, este trabalho surgiu em busca de compreender mais sobre o sistema que envolve o funcionamento da língua, tendo como objetivo geral analisar e descrever as variações do léxico do nome das cores (primárias) em Libras quando colocadas em dois contextos, sendo eles: quando as cores são associadas a algum objeto/figura e quando as cores aparecem sem nenhuma associação, apenas no seu “estado puro”, levando em consideração a idade e há quanto tempo esse falante tem contato com sua língua.

Assim, dividimos esse trabalho em cinco capítulos. O primeiro capítulo aborda a importância das cores no nosso dia a dia e seus significados durante a evolução humana; o segundo fala sobre o funcionamento da Libras; o terceiro mostra a cultura e sua relação com o léxico; por fim, o quarto e o quinto capítulo trazem as análises e os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - O LÉXICO DAS CORES

As cores fazem parte do nosso dia a dia e acabam ditando alguns dos nossos comportamentos, por exemplo, escolher frutas, legumes e vegetais pela cor; o farol de trânsito que guia as pessoas pelo verde, amarelo e vermelho; a coleta seletiva que indica pela cor qual deve ser o descarte correto de lixo.

Acontece que essa relação entre o ser humano e a cor vem desde os primórdios, já que as cores fizeram e fazem parte da nossa história e evolução. Segundo Ana Maria Rambauske (s/d), na pré-história, os homens já adornavam suas cavernas com verde, vermelho, preto, amarelo e azul. Já no Egito, era comum as cores pretas, vermelhas e azuis pintadas em cerâmicas; posteriormente, na China, as cores ganham um significado espiritual, tal como a cor amarela pintada no teto das casas significando proteção contra os espíritos maus.

Assim sendo, as cores para nossos antepassados foram ferramentas importantes até para a sobrevivência, sendo usadas na escolha dos melhores frutos, na identificação de animais que poderiam ser uma ameaça e evoluindo, até chegar aos dias de hoje, sendo considerada arte e até mesmo como instrumento científico.

Dessa forma, Michel Pastoureau (1997) afirma que a cor é um fenômeno cultural que pode ser definido em diferentes épocas e não há nada de universal nas cores, pois uma determinada cor pode ter significados diferentes para uma cultura e isso é de natureza antropológica, ou seja, o que dá significado para a cor é sempre a sua forma de utilização.

Pensando nessa forma de utilização, Pedrosa (1977) também considera a cor uma forma de linguagem que transmite informações e significados que são intrinsecamente ligados aos valores e códigos relacionados pelo sistema em que o ser humano se encontra.

Para que haja a percepção do fenômeno cor, segundo Abdelkarim (2019), é preciso ter uma fonte de luz, um objeto modulador para incidir essa energia (pode ser o ar) e um ser vivo, composto de cérebro e par de olhos. Se por acaso um desses três pontos vierem a falhar, o fenômeno cor é inexistente.

Assim, podemos destacar a percepção de cor como de caráter individual, já que cada forma de “ver” depende da sua língua, da sua cultura, do seu próprio eu e do que este eu considera “cor”.

Partindo desse ponto, podemos dizer que o léxico é a definição de tudo aquilo que nós vemos e podemos nomear através das nossas associações. Para Zavaglia (2006), as associações com as cores só são possíveis, pois são formadas pelas práticas culturais de um povo. Com isso, em algumas comunidades, pode-se notar a ausência da percepção de algumas cores e seu respectivo léxico, mas isso não quer dizer que esse povo não consegue ver essa cor, pelo

contrário, esses feixes de luz não seriam relevantes ou não possuem referências dentro do âmbito cultural desse grupo.

Desse modo, as cores também podem ser vistas e representadas de diferentes formas. Segundo Carneira, Villalva e Silvestre (2016), as perspectivas de cor e pigmento mudaram com o passar do tempo; assim também aconteceu com os nomes das cores: alguns seguiram conservados e outros sofreram modificações.

Para os autores, se a perspectiva de cor varia de pessoa para pessoa é certo que o sistema linguístico também sofrerá essa variação.

Para Zavaglia (2006), o homem usa da sua experiência de mundo para associar as cores a tudo aquilo que o cerca, assim as representando com o que ele pode ver como, por exemplo, folhas verdes, casaco preto e, até mesmo, a associação de signos linguísticos como a frase “sair do vermelho”. Essas associações mostram como o ser humano e as cores estão unidas desde os primórdios da humanidade; o que outrora servia para pintar cerâmicas e espantar espíritos do mal, agora, usa-se para exprimir emoções e usar expressões idiomáticas, sintagmáticas e proverbiais dados como exemplo pela autora: “deu branco”; “vermelho igual pimentão”.

Assim, a cor é vista e representada a partir de cada cultura, de cada olhar, de cada vivência, o que para Arcaini (1991) é chamado de relativismo cultural. Isso permite com que cada universo cromático seja descrito de um jeito único, deixando com que cada cultura possa usar o fecho cromático das cores sem qualquer tipo de objetividade.

Nesse sentido, para Biderman (2001), o léxico reflete a relação entre língua e cultura, já que cada língua tem sua maneira própria de compreender o mundo uma vez que surge como representação cultural de povos, expressando toda a sua vivência e história de uma comunidade, assim como as cores.

E se a pigmentação das cores, o jeito com que elas são fabricadas e as ferramentas que são utilizadas mudaram com o tempo, assim também foi feito com o léxico que diz respeito à cor. Não se espera que a percepção de uma cor mude através dos tempos e o seu significante linguístico não; ela vai se adaptando em conformidade ao sistema linguístico de cada povo levando em consideração que a percepção de cores varia de pessoa a pessoa.

Também devemos pontuar que uma das coisas relevantes para este trabalho é saber como se dá essa construção do sistema linguístico e como processamos essas informações.

Precisamos analisar a construção do sistema linguístico como uma categorização. Desse modo, essa categorização é semelhante a um guarda-roupa onde separamos roupas por semelhanças ou classes específicas, como retrata a autora Ferrari (2011, p. 31), e essa relação é importante, pois é através disso que atribuímos nomes às coisas.

Com relação à linguagem, o processo de categorização é, de fato, essencial. Na verdade, para falarmos do mundo, agrupamos um conjunto de objetos, atividades ou qualidades em classes específicas. Assim, a um conjunto de objetos semelhantes (mas não necessariamente idênticos) atribuímos o nome de árvore: fazemos referência a um conjunto de atividades com características julgadas similares usando expressões como trabalhar, brincar e assim por diante. Da mesma forma, qualificamos as pessoas que compartilham determinadas características como calmas engraçadas ou tagarelas (Ferrari, 2011, p. 31).

Assim, podemos perceber que a categorização é aplicada a todas as coisas do mundo sejam elas, abstratas ou concretas, indo de expressões, sentimentos e características a objetos propriamente ditos do nosso dia a dia.

Esses símbolos verbais que dão início à categorização são construídos através dos tempos pela massa social e através desses símbolos que categorizamos e qualificamos as coisas.

Assim, cada povo através do tempo categoriza e nomeia as cores com a sua cultura e tradição, mudando através dos anos em consonância aos novos significados que o ser humano lhes atribui.

Ainda falando um pouco sobre a cultura, Zavaglia e Martins (2016, p. 12) reiteram a importância de um olhar sobre a dependência cultural e histórica em cada campo cromático, pois cada “sistema” terá sobre si o fator singularidade e esse fator que acarretará as diferenças de expressões em cada comunidade e isso vai refletir sobre o movimento daquela sociedade no tempo incluindo sua escrita.

Essas diferenças e singularidades entre povos só são perceptíveis porque temos o léxico, esse acervo de palavras de uma determinada língua, que conta toda a história desse povo.

É o léxico, em forma de palavras e por meio da linguagem, que “conta” a história milenar de povo para povo; é o léxico que transmite os elementos culturais de um conjunto de indivíduos; é o léxico que “proíbe” manifestações ou então as “incita”; é o léxico que “educa” ou “deseduca”; é o léxico que permite a manifestação dos sentimentos humanos, de suas afeições ou desgostos, via oral ou via escrita. É o léxico que registra o desencadear das ações de uma sociedade, suas mudanças, seu progresso ou regresso (Zavaglia, 2006, p. 8).

Para a autora, o léxico é patrimônio vocabular e, através desses signos, podemos contar a história daquele grupo, que foi passado de geração em geração. E a única forma para que a unidade lexical se cristalice e pare de se transformar é com a morte da sua língua.

Além disso, o léxico é o único sistema aberto diferente de regras gramaticais ou a sintaxe, por exemplo, e por isso ele sofre alterações a partir de novas informações, ciências e tecnologias.

No mundo contemporâneo, conforme a tecnologia e as ciências avançam, as comunidades

devem ampliar seus signos, principalmente, com a expansão da tecnologia e a aproximação em massa que ela proporciona para diferentes culturas, juntamente com as telecomunicações.

De acordo com Schogt, citado por Zavaglia e Martins (2016, p. 16), as reflexões acerca da língua, sociedade e mundo extralinguístico, supõem que línguas diferentes trazem realidades diferentes e, mesmo que se aprenda a língua do outro, a sua realidade não mudará, mas há de se destacar que cada língua também traz consigo elementos extralinguísticos de outras culturas e que, para sua cultura, talvez, não sejam relevantes. Por isso, cada cultura tem sua visão e seria inviável tentar traduzir, pois não fazemos parte daquele processo histórico-cultural.

Então, essa comunicação com outras comunidades culturais produz uma inserção do sujeito em outra compilação cultural, para isso não é preciso que nós renunciemos às características culturais, mas pode haver singularidades que não entendemos, por não fazer parte dessa variável.

Para essa ligação entre comunicação e cultura, usamos o contexto, que trará o que está no léxico do outro, respeitando as delimitações sociais e linguísticas exercendo a função de relação entre as circunstâncias.

Podemos fazer essa relação de uso de contexto comparando o Ano Novo no Brasil e na China.

No Brasil, é costumeiro o uso do branco no dia 31 de dezembro para o dia 1 de janeiro, pois a tradição diz que trará paz e o novo ano irá se iniciar longe das energias ruins, uma tradição vinda dos povos africanos que o faziam como homenagem para Iemanjá.

Já na China, segundo Filip Noubel (2020), em *Um Mar de tons Vermelhos: Celebrando o Ano Novo Chinês*, a chegada do novo ano é comemorada com roupas vermelhas porque a tradição conta a história de um monstro que devorava aldeões até que um dia um senhor vestido de vermelho disse que protegeria as pessoas daquela região, soltando fogos e espantando o monstro durante a noite. Então, todo Ano Novo as pessoas vestem uma roupa vermelha e soltam fogos com o intuito de espantar qualquer energia negativa que estiver ao seu redor e começar o outro ano com energias positivas. Além das roupas, nessa época do ano, o vermelho também está nas portas das casas, em decorações de lojas e até em cartões de presentes.

Dessa forma, o contexto explica a motivação cultural para o uso das roupas brancas e vermelhas na virada de ano, mostrando que línguas diferentes trazem realidades diferentes.

Além desses exemplos que mostram como a cor é usada como informação, contexto e tradição e como pessoas podem ter diferentes perspectivas, também vamos entender como nosso sentido visual e físico reage aos feixes de luz (cor) e como isso influencia nas variações linguísticas, e para isso é preciso que o processo de percepção visual do corpo humano esteja claro, vejamos a seguir.

1.1 COMO VEMOS AS CORES?

Segundo Vera Lucia Martins de Melo (s/d), em *A Percepção das Cores*, a capacidade de ver cores é possuída por alguns seres vivos e essa capacidade promove a distinção de objetos através da incidência da luz. Segundo a autora, 75% da nossa percepção vem da visão e que é proveniente de três funções: operações ópticas, químicas e nervosas.

Para ela, os olhos são responsáveis pela captação de informações visuais e, assim, transformadas em impulsos para que sejam decodificadas pelo sistema nervoso. Para que possamos entender como as cores são formadas é preciso que o processo de percepção esteja claro.

Em um primeiro momento, a autora explica que para que possamos ver os raios luminosos que incidem um determinado objeto, a luz passa pelo globo ocular (córnea); logo em seguida, esses raios passam pela íris que tem como função controlar a quantidade de luz que entra pelos nossos olhos.

Seguindo o trajeto da luz pelos olhos, temos à frente o cristalino, que é responsável por focar a luz no fundo do olho e que produz a formação de imagens onde também está localizada a retina.

Na retina, encontramos uma importante função que traz para nós a captação de luz através das córneas, pupila e cristalino e converte através de nervos essas captações em assimilação visual.

Esses mecanismos servem para que a luz chegue à retina e consigamos assimilar o que é aquele objeto, de que cor ele é. É ela que faz essa transição entre luz e associação visual que nos proporciona a visão, podendo ser comparada a uma câmera fotográfica.

Para a autora, a cor é formada pela impressão de que nossos olhos têm referente à luz que chega como ondas para o nosso cérebro, ou seja, é particular de cada um; o azul que eu enxergo não será o mesmo azul que outra pessoa possa enxergar.

Desse modo, passamos a pensar na luz como tendo dois sentidos: no sentido físico, como ondas e no sentido psicofísico quando a luz passa a transmitir uma sensação ao observador, como afirma Maria da Conceição Santos Ribeiro, na sua dissertação nomeada *As cores e a Visão e a Visão das Cores*:

A luz pode ser usada em dois sentidos. No sentido físico, um feixe de ondas eletromagnéticas nas quais o olho humano é sensível. E no sentido psicofísico, a luz irá produzir uma sensação ao observador, quando a retina é estimulada. As sensibilidades variam de observador para observador, a cor é percebida através das várias relações que existem, como por exemplo, uma fonte de luz, os objetos e o sistema visual humano. O olho percebe as cores como um conjunto de vários comprimentos de onda que abrange a zona do vermelho (580nm), do verde (540nm) e a do azul (450nm). Muitas dessas cores são absorvidas e refletidas pelos objetos. A cor corresponde a uma sensação interna provocada por estímulos físicos de natureza diferente. Se os objetos fornecem

informação sobre a cor é porque a qualidade sensorial emerge nos mecanismos sensoriais (Ribeiro, 2011, p. 1).

Ainda sobre o sentido fisiológico da luz que produz cor, falemos de percepção, pois é através dessas repetidas etapas que nosso cérebro consegue decifrar esses fenômenos.

Para Martins de Mello (2012), a percepção das cores é processada naturalmente pelo nosso corpo com base em três características da luz: intensidade, comprimento de onda e sua distribuição.

Essas três características da luz compõem o que configuramos como cor, mas, além dessas características, a nossa interpretação de luminosidade também é relevante para processar essas informações, já que essa interpretação vem intrínseca a nosso corpo, é automático, assim cada pessoa faz sua própria interpretação em relação à quantidade de luz que está sendo emitida pelo objeto.

Para a autora, a nossa visão não possui esse “movimento” automático, ela depende da luminosidade: ela pode ser Fotóptica, que significa uma dependência das condições luminosas para a diferenciação das cores, ou pode ser Escotópica que é a nossa visão com a baixa luminosidade.

Assim, entendemos que a luz, a percepção e as condições que refletem a luminosidade para a visão são componentes importantes para a construção das cores. Para Martins de Mello (2022), assim como a nossa percepção está atrelada a como nosso sistema reage a uma iluminação, diz-se, então, que a cor não está no objeto que olhamos e, sim, na percepção que temos dele, já que a cor é também sobre o comprimento de ondas e como essas ondas são decodificadas pela nossa percepção e luminosidade.

A autora também cita que há uma forma empírica de decodificar as cores usando três elementos que vão constatar as expectativas a um determinado ponto, são eles: o matiz, em que podemos classificar e distinguir as cores umas das outras; a saturação (o grau de pureza de uma cor) e a luminosidade que é constituída a partir da incidência de preto.

Adiante, Rambauske nos traz elementos que compõem nossa percepção de cor: começando pelos estímulos de cor e luz.

COR LUZ – radiação luminosa visível que tem como síntese aditiva a luz branca. Sua melhor expressão é a luz solar, por reunir de forma adequada todas as cores existentes na natureza. As faixas coloridas que compõem o espectro solar, quando tomadas isoladamente, uma a uma, denominam-se luzes monocromáticas (Rambauske, s/d, p. 16).

A cor e o pigmento também são de natureza material, ou seja, conforme absorve a luz ela a reflete.

COR PIGMENTO – substância material, que conforme sua natureza absorve, refrata e reflete os raios luminosos componentes da luz que se difunde sobre ela. É a qualidade da luz refletida que determina a sua denominação. (Rambauske, (s/d), p. 16).

Assim, entendemos até aqui que, em qualquer hipótese, para que haja cor é preciso dois

elementos: a luz, que age como estímulo, e os olhos, que têm no seu aparelho receptor a função de decifrar esse componente de luz que reflete a cor.

Nesse processo de luz e olhos, Rambauske descreve o sistema visual humano como o mais complexo de todos, tendo dois sistemas que servem para processar a imagem e tudo que nós vemos, são eles: o sistema óptico e o sistema neurológico.

Dois sistemas distintos operam em conjunto para processar as imagens: Sistema óptico formado pelos globos oculares, constituídos de 3 membranas concêntricas entre si - esclerótica, coróide, retina - e, por um conjunto de meios dióptricos que compreende a córnea, o cristalino, o humor aquoso e o corpo vítreo; Sistema neurológico composto pelos nervos e pelo cérebro. O nervo óptico faz a ponte entre a retina e o cérebro. Cerca de um décimo da área localizada na parte posterior do córtex cerebral se encarrega de selecionar os estímulos, centralizar e comandar os fenômenos da visão de várias categorias (Rambauske, s/d, p. 18).

Assim sendo, todo esse processo de descrição sobre o funcionamento do sistema visual humano com os feixes de luz tem como função, neste trabalho, mostrar que a diferença de cor que enxergamos é relativa e depende da quantidade de luz na retina e das ondas que chegam para o nosso cérebro, ou seja, a mesma pessoa não enxergará a mesma cor que a outra.

Por isso, se o léxico é tudo que vemos, associamos e nomeamos, os nomes das cores também sofrem mudanças já que a cor depende de vários fatores, aqui, o fator cultural e também visual, implicando diretamente na variação lexical.

E, para que a variação lexical na Libras possa ser percebida aqui, vamos detalhar o funcionamento da língua e como ela é construída a partir dos seus parâmetros.

CAPÍTULO 2 - ELEMENTOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A comunicação por meio das Línguas de Sinais é antiga e, segundo Strobel (2009), perpassou por vários pontos na história da humanidade até ganhar espaço no Brasil com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) que se deu por intermédio do francês Ernest Huet com um convite de Dom Pedro II para ensinar os surdos brasileiros.

A história da comunidade surda em busca dos seus direitos é uma constante, apesar da Libras- Língua Brasileira de Sinais ter sido reconhecida por lei, as suas implicações de língua na comunidade surda, ainda não foram percebidas ou aceitas pela sociedade, ocasionando aos surdos a busca pelo seu objetivo imediato, reconhecimento cultural que através da Libras lhe constitui uma identidade surda e inclusão social. A identidade de uma pessoa é formada, principalmente pela língua materna, ou seja, a língua que os pais transmitem aos seus filhos, no caso do surdo, depende da sua língua materna: a Libras ou a língua portuguesa, como a Libras é nata da comunidade surda, isto é, aprende de forma espontânea, porém se tiver o contato com os surdos adultos o mais cedo possível (Souza; Souza, 2015, p. 1).

Com isso, a Língua de Sinais no país teve avanços como, por exemplo, a promulgação de leis para a comunidade surda, dentre elas a mais significativa: a Lei 10.436, promulgada em 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo decreto 5.626, de 2005, que reconhece legalmente a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação legal dos surdos.

Apesar dos muitos avanços a respeito da língua, muitas pessoas, ainda, acreditam que a Língua Brasileira de Sinais é mímica ou um apanhado de gestos, mas, para Felipe e Monteiro (2007), a estrutura linguística dela é igual a de outras línguas que são constituídas a partir de um nível fonológico, morfológico, sintático e semântico, diferenciando nas suas unidades lexicais que são substituídas por representação dos sinais.

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque utilizam-se de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários através das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais. Esta iconicidade mais evidentes nas estruturas das línguas de sinais do que nas orais deve-se a este fato e ao fato de que o espaço parece ser mais concreto e palpável do que o tempo, dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas quando constituem suas estruturas através de sequências sonoras que basicamente se transmite temporalmente (Ferreira-Brito, 1997, p. 2).

Desse modo, os autores Felipe e Monteiro (2007) reconhecem que os sinais são formados a partir de movimentos das mãos, tronco, cabeça, face entre outras partes, sendo comparados ao que conhecemos na língua portuguesa como morfema e fonema.

Esses elementos que formam o sinal são chamados de parâmetros e constituem-se em cinco pontos importantes: CM; L; M; OR e ENM.

A Configuração de Mão é a forma que a mão fica na execução do sinal e é feita pela mão dominante (mão direita para quem é destro, mão esquerda para quem é canhoto).

Figura 1 – Sinal de COR com a mão dominante



Fonte: Elaboração própria (2023).

O Ponto de Articulação é o parâmetro que indica onde o sinal pode ser realizado. O parâmetro tem como referência a extensão dos braços do falante e ocorre tocando em alguma parte do corpo ou até mesmo no espaço neutro que se refere ao meio do corpo até a cabeça. Vale também salientar que o tamanho que é realizado o sinal equivale à intensidade da voz na língua portuguesa.

A seguir as imagens¹ demonstram os pontos de articulação em local neutro e em um ponto do corpo.

¹ As imagens detalham o ponto de articulação de cada sinal; na imagem de cima observa-se que o verbo TER tem seu ponto de articulação no peito, já a palavra VÁRIOS é articulada em espaço neutro.

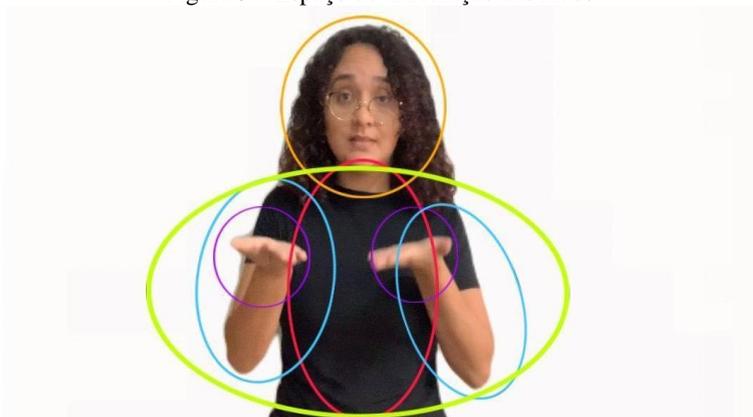
Figura 2 – Ponto de articulação - TER e VÁRIOS



Fonte: Elaboração própria (2023).

Assim, segundo Quadros e Karnopp (2004) o espaço de enunciação é o raio de ação onde a mão consegue articular todos os seus sinais, sendo eles: cabeça, mão, tronco, braço e espaço.

Figura 3 – Espaço de articulação das mãos



Fonte: Elaboração própria (2023).

Ainda segundo os autores, o movimento diz respeito ao movimento que o sinal faz, levando em consideração que alguns sinais são feitos de forma estática. Esses movimentos podem ser circulares, com ambas as mãos, simultâneos, para frente, para trás, para direita ou para a esquerda.

Figura 4 – Sinal de RECICLAGEM



Fonte: elaboração própria (2023).

A Orientação constitui-se em como a palma da mão está orientada (para cima ou para baixo) tendo em vista que alguns sinais têm a mesma configuração de mão, movimento e ponto de articulação e a modificação da orientação da palma da mão implica na mudança total de significado.

Figura 5 – Sinal de QUAL



Fonte: elaboração própria (2023).

Por fim, temos os componentes não manuais que são constituídos por movimentos com a cabeça, olhares entre outros.

Figura 6 – Sinal de “TUDO BEM?”



Fonte: elaboração própria (2023).

Assim, as combinações desses elementos constituem os sinais, que produzem as palavras e formam as frases, conforme o dizem Felipe e Monteiro (2007).

Além dessas combinações de unidades que estruturam e dão sentido para a língua, a pesquisadora Ronice Muller de Quadros (2009, p. 10) também elenca vários motivos pelos quais a Libras é considerada uma língua natural. Dentre esses pontos, ela destaca a flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural.

A flexibilidade e a versatilidade, segundo Quadros (2009, p. 10), referem-se à possibilidade de diferentes usos em diferentes contextos. Podemos usar a Língua de Sinais para argumentar, fazer poesia, informar, fazer perguntas, persuadir, entre outras coisas.

Para a autora, a Libras também possui arbitrariedade, já que é uma convenção reconhecida pelos falantes da sua língua, ou seja, não há uma relação direta entre forma e significado.

Adiante, ela também explica a descontinuidade que se refere à diferença mínima entre a palavra e o significado, que é descontinuado por diferentes níveis linguísticos:

Na língua de sinais verificamos o caráter descontínuo da diferença formal entre a forma e o significado. Há vários exemplos que ilustram isso, por exemplo, o sinal de MORENO e de SURDO são realizados na mesma locação, com a mesma configuração de mão, mas com uma pequena mudança no movimento, mesmo assim nunca são confundidos ao serem produzidos em um enunciado. Tais sinais apresentam uma distribuição semântica que não permite a confusão entre os significados apresentados dentro de um determinado contexto (Quadros, 2009, p. 10).

Já a criatividade diz respeito a produtividade de uma língua, o que também a Libras apresenta, dando a liberdade de fazer o que o usuário quiser com dada informação, seguindo finitas combinações de regras.

Em seguida a dupla articulação, para Quadros (2009, p. 11), representa o nível da forma e o nível do significado, sendo assim, a configuração sozinha não possui significado, mas se combinadas aos parâmetros ganham sentido.

O padrão também está presente na Libras, o que significa que não se pode usar a língua de qualquer forma, é preciso seguir suas regras para produzir os sinais.

Por fim, a dependência estrutural, vista em outras línguas, também é vista na Língua de Sinais, o que propõe uma relação estrutural entre os elementos linguísticos, isto é, eles não podem ser combinados de uma forma aleatória.

Com isso, observamos que, além de ser uma língua natural humana, a Libras também possui sua própria estrutura, regras e unidades mínimas que geram os sinais.

Apesar de ainda haver muito desconhecimento em relação às línguas sinalizadas, os sinais não são gestos holísticos, ou seja, não formam um todo indivisível. Quem primeiro percebeu os parâmetros internos dos sinais foi STOKOE em 1960. Os sinais são analisáveis como uma combinação de três categorias linguísticas sem significado: configuração de mão, locação e movimento. Ou seja, se mudarmos alguma característica de qualquer uma destas categorias, podemos mudar o significado de um sinal (Quadros, 2009, p. 18).

E para que todos esses elementos possam fazer sentido dentro da construção linguística é preciso que o surdo esteja inserido dentro da sua comunidade, onde irá formar sua visão de mundo.

CAPITULO 3 - CULTURA E LÉXICO

Falar sobre o léxico de uma língua é falar sobre suas tradições, seus costumes, seus conhecimentos; é o ato de ver e nomear tudo que se tem à volta, fazendo uma conexão entre informação e mensagem.

Nas últimas décadas, os linguistas não têm dado muita atenção a problemas de grande relevância relativos ao léxico. Contudo, o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação linguística. A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico, das palavras lexicais que integram os enunciados. Sabemos, também, que a referência à realidade extralinguística nos discursos humanos faz-se pelos signos linguísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana (Biderman, 1996, p. 27).

Por isso, escolhemos observar o léxico da comunidade surda das cidades de Dourados e de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, pois se o léxico é quem faz intermediação entre informação e mensagem também é no léxico que podemos analisar outros elementos que foram agregados às unidades lexicais ou não, se sofreram variações ou não, a partir da sua idade, cultura, nível escolar, e vários outros aspectos que constituem o corpo social de um grupo.

A atividade de nomear resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. A esse processo segue-se o ato de nomear. Por essa razão a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos. O léxico de uma língua constitui, portanto, uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes às entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais (Biderman, 2006, p. 35).

E, ao observamos a cultura do povo surdo, percebemos o quanto a sua língua foi suprimida e enfraquecida pela comunidade ouvinte, portanto, ao decorrer das análises, vemos as diferenças existentes nas unidades lexicais, já que cada voluntário aprendeu a línguamaterna em idades diferentes e com pessoas diferentes.

Assim, mesmo com as leis que respaldam e garantem a Libras como a língua oficial dos surdos, a realidade é um pouco diferente; por isso, devemos ponderar a história da Libras no Brasil como um dos pontos importantes dessa análise, já que a cultura e a vivência de um povo refletem no seu léxico e, por muito tempo, a comunidade ouvinte perpetuou o preconceito e a exclusão da língua materna dos surdos na sociedade.

A alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação sociolinguística marcada pela proibição e intolerância em relação aos sinais na sociedade e, em especial, na educação. Entretanto, sabe-se que tais línguas desenvolvem

itens lexicais apropriados a situações em que são usados. À medida em que as línguas de sinais garantem maior aceitação, especialmente em círculos escolares, registra-se aumento no vocabulário denotando referentes técnicos. (Quadros; Karnopp, 2004, p. 35).

Diante disso, para que os significados se façam compreensíveis dentro dessa sociedade, é preciso que a cultura sustente toda essa rede lexical. Dessa forma, segundo Maria Helena de Paula, em *Rastros de velhos falares – léxico e cultura no vernáculo catalano* (2007)

A complexa rede de significados que sustenta o caráter de semiótica social da língua tem organização própria, porém não autônoma. A cultura, esse tecido dinâmico e inconsútil de significados, se faz e refaz graças às suas formas linguísticas de expressão. É na sua manifestação linguística que a materialidade cultural se constitui, também, um sistema de linguagem. Hábitos, crenças, saberes se repassam como cultura pelo ato não raro de repetição por outros, mas sua consciência simbólica de significação da coletividade se assegura e se reforça graças à configuração linguística (De Paula, 2007, p. 93).

Desse modo, entende-se a importância da cultura na construção do sistema de linguagens, pois é através da coletividade e das experiências que construímos um corpo linguístico repleto de significados e identificação.

Assim como ocorre com as diferentes culturas, a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. Isto origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização, e que, conforme reflete Hall (2004), é a representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior (Strobel, 2008, p. 25).

Adiante, Strobel (2008) afirma que, para que o surdo possa ter acesso a informações e conhecimentos, é preciso que ele tenha uma ligação com o povo surdo, pois é dentro dessa comunidade que ele vai poder ter acesso a sua maior marca de identidade, a Língua de Sinais.

Para o sujeito surdo ter acesso a informações e conhecimentos e para estabelecer sua identidade é essencial criar uma ligação com o povo surdo o qual usa a sua língua em comum: a língua de sinais. Ela é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo por ser uma das peculiaridades da cultura surda (Strobel, 2008, p. 26).

Essa interação dentro da comunidade surda permite que qualquer sentimento seja expressado porque a estrutura da Libras, como qualquer outra língua natural, tem gramática própria e apresenta níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico (Gesser, 2009, p.27).

Além disso, para o autor, existem outras características da língua de sinais:

A língua de sinais, como já vimos, tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis, como as línguas orais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, podemos encontrar nela outras características: a produtividade/criatividade, a flexibilidade, a descontinuidade e a arbitrariedade (Gesser, 2009, p. 27).

Com isso, é possível que o falante possa combinar infinitas unidades e criar novos elementos lexicais com a criatividade, flexibilidade, descontinuidade e arbitrariedade.

Vejamos um pouco mais sobre essas características na Libras que possibilitam as combinações na língua.

A produtividade diz respeito a combinar novas unidades para formar novos elementos,

combinando palavras e sentenças a partir de suas regras.

A primeira diz respeito à possibilidade de combinar unidades, de forma ilimitada, para formar novos elementos. Por exemplo, os sons das línguas orais podem ser combinados de várias formas para a produção de novos conceitos. O mesmo para a produtividade de palavras e sentenças. Por isso falamos do processo criativo nas línguas: podemos falar diversas coisas de diversas formas a partir das regras de cada língua; regras que determinam a posição que cada elemento deve ocupar – por exemplo: podemos dizer “o menino caiu”, mas não podemos dizer “menino o caiu”, porque as regras do português não permitem. O mesmo se aplica aos sinais (Gesser, 2009, p. 27).

Já a flexibilidade permite que falemos sobre o passado, o presente e o futuro. A descontinuidade, por conseguinte, representa as diferenças mínimas entre duas palavras, mas que acarretariam mudança no seu significado.

A flexibilidade se refere à mobilidade visível nos diversos usos de uma língua. A língua é versátil e, por isso mesmo, podemos falar do passado, presente, futuro; discutir, ameaçar, prometer etc. Em relação à descontinuidade, tomem-se como exemplo as diferenças mínimas na forma entre duas palavras; diferenças mínimas, mas que acarretariam mudança no significado, como em maca e mala (alterando apenas um fonema), ou em Libras grátis e amarelo (alterando apenas um parâmetro, a CM). Entretanto, quando contextualizadas, podem ter seu sentido inferido, mesmo que haja um erro ou troca de fonemas/queremas por parte de quem fala ou sinaliza. Por isso, mesmo reconhecendo o valor específico em cada fonema ou parâmetro, a contextualização nos ajuda muito, e é ela que nos faz compreender a diferença de significado, por exemplo, em palavras homônimas na língua oral e na língua de sinais (Gesser, 2009, p. 27-28).

Por fim, a arbitrariedade diz respeito às regras que regem as línguas, ou seja, não podemos saber o significado da palavra somente pela sua forma.

Quanto à arbitrariedade, dizer que as línguas têm essa característica é dizer que as línguas são convencionadas e regidas por regras específicas. Nesse sentido, não é possível saber o significado de uma palavra somente a partir de sua forma ou representação linguística. Na língua portuguesa, não há relação entre a forma e o significado da palavra “conhecimento”, da mesma forma que não há essa relação na LIBRAS (Gesser, 2009, p. 28).

Por isso, podemos dizer que todas as regras específicas de uma língua só podem ser analisadas e concebidas porque são feitas dentro de um sistema social com a interação humana.

Como um dentre os sistemas sociais, a língua, então, assegura sua existência graças à estruturação dos seus elementos funcionais e de significação. Seus elementos formais dotam-se de significação porque constituídos e inseridos na dinâmica social das relações humanas. No uso cotidiano e efetivo do sistema linguístico significados se constroem, se estabelecem, se remodelam porque, como metassistema, a língua não serve apenas a expressar e comunicar significados intercambiados na vida social (De Paula, 2007, p. 92).

Mas afinal, se o léxico existente na Língua de Sinais se assemelha ao da Língua Portuguesa, como podemos apresentar sua estrutura? Vejamos como o léxico é definido na Libras.

Para Ferreira-Brito (1997), *grosso modo*, o léxico seria o conjunto de palavras de uma determinada língua; na Libras, o léxico passa a ser os sinais, já que estamos falando de uma língua visual e engana-se quem acha que o léxico da Libras é o alfabeto manual, pois a soletração manual é, somente, um dos recursos utilizados pelos falantes.

Acreditar que a língua de sinais é o alfabeto manual é fixar-se na ideia de que a língua de

sinais é limitada, já que a única forma de expressão comunicativa seria uma adaptação das letras realizadas manualmente, convencionadas e representadas a partir da língua oral. Imaginemos, por exemplo, quanto tempo levaria um surdo para falar uma sentença ou, ampliando bem a questão, ter uma conversa filosófica, se utilizasse apenas o soletramento manual?! Travar uma conversa dentro deste enquadre s-o-l-e-t-r-a-d-o-s-e-r-i-a-c-a-n-s-a-t-i-v-o-e-m-o-n-ó-t-o-n-o-(-u-f-a-!). (Gesser, 2009, p. 29).

Dessa forma, existe um sinal para cada palavra e, em algum momento específico, a pessoa poderá recorrer à soletração manual, fora dessa possibilidade a soletração manual não é usada para substituir os sinais.

Para ilustrar essa explicação, Ferreira-Brito (1997) traz a imagem da palavra “CERTO” e descreve os componentes do sinal:

- a) Mão em F Movimento linear.
- b) O ponto de articulação está sendo realizado no tronco, busto e lado direito.
- c) Orientação da palma Simetria no movimento.

Assim a autora descreveu o sinal “CERTO” em libras: apresentando configuração de mão, orientação da mão, ponto de articulação e movimento, sendo esses os pontos que articulam o sinal e dão sentido à palavra.

Se fossemos, por exemplo, analisar essa palavra em língua portuguesa a sua análise seria feita através dos sons e não visualmente como acontece aqui.

Em português, as unidades mínimas ou componentes da palavra certo /sertu/ podem ser descritas da seguinte forma: /s/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, fricativo. /e/ som com passagem livre (vogal), sonoro, aberto, médio. /r/ som com passagem obstruída (consoante), sonoro, vibrante. /t/ som com passagem obstruída (consoante), surdo, oclusivo. /u/ som com passagem livre (vogal) sonoro, fechado, posterior (Ferreira-Brito, 1997, p. 7).

Com isso, obtemos duas descrições sendo a Libras com descrições visuais e a Língua Portuguesa com descrições sonoras, ou seja, podemos analisar as duas palavras a partir da sua unidade mínima.

Pode-se observar pela descrição das unidades mínimas de CERTO, em LIBRAS, e de certo, em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais (forma da mão ou do sólido, movimento linear e com retenção, vetores orientacionais da mão, etc.) e que as características das unidades das palavras faladas são de natureza acústico-sonoras (passagem livre ou obstruída dos sons, sonoridade, posição da articulação posterior, frontal, média na boca, etc.). Como vimos, as palavras da LIBRAS e do português se estruturam a partir de unidades mínimas sonoras e espaciais, respectivamente. Essas unidades ou fonemas, como já dissemos, são distintas porque, quando substituídas uma por outra, geram uma nova forma linguística com um significado distinto (Ferreira-Brito, 1997, p. 7).

Também é importante ressaltar que, diante dessa apresentação de características da Libras, um dos aspectos mais importantes para a compreensão da Língua de Sinais é o ponto de articulação, pois quando realizamos o sinal de uma palavra em outro local do corpo ela acaba adquirindo outro sentido.

Um exemplo que Ferreira-Brito (1997) traz para exemplificar como essa mudança de

ponto impacta no sentido da compreensão é a palavra “APRENDER”. A palavra aprender em Libras é sinalizada na testa, se ela, por algum motivo, for sinalizada na boca, o seu sentido muda, e o que outrora era “APRENDER” agora passa ser “SÁBADO”.

Por exemplo, em LIBRAS, temos: que são duas palavras ou sinais distintos com significados também distintos somente pelo fato de o primeiro sinal - APRENDER - ser articulado na testa e de o segundo - SÁBADO - ser articulado na boca do usuário. Isto é, há uma característica espacial distinta nos sinais, o ponto de articulação, que os distingue. Essas características, /na testa/ e /na boca/, são unidades mínimas distintas equivalentes aos fonemas das palavras pata e bata do português, /p/ e /b/, que também distinguem as formas linguísticas e seus significados. APRENDER e SÁBADO, em LIBRAS, e pata e bata, em português, são pares mínimos porque suas formas fonológicas são idênticas em tudo, exceto em uma característica espacial (ponto de articulação) para os primeiros e fonética (sonoridade) para os últimos. (Ferreira-Brito, 1997, p. 7-8).

Com esses exemplos, Ferreira-Brito (1997) demonstra uma das muitas características existentes na Libras, ou seja, a língua da comunidade surda é uma língua comum e mostra, que a partir de várias combinações, pode também formar novas palavras aumentando o seu acervo lexical.

Trazer esses exemplos de combinações e características da Língua de Sinais é muito importante, já que, por muitos anos, acreditou-se que a Libras era “pobre”, porque apresentava um número muito baixo de palavras.

Então, o léxico da LIBRAS, assim como o léxico de qualquer língua, é infinito no sentido de que sempre comporta a geração de novas palavras. Antigamente, pensava-se que a LIBRAS era pobre porque apresentava um número pequeno de sinais ou palavras. Pode acontecer o fato de que uma língua que não é usada em todos os setores da sociedade ou que é usada em uma cultura bem distinta da que conhecemos não apresente vocábulos ou palavras para um determinado campo semântico, entretanto, isso não significa que esta língua seja pobre porque potencialmente ela tem todos os mecanismos para criar ou gerar palavras para qualquer conceito que vier a ser utilizado pela comunidade que a usa (Ferreira-Brito, 1997, p. 9).

Esse número baixo de palavras acontecia porque o surdo historicamente não podia ocupar os vários espaços da sociedade e, conforme esse grupo foi podendo ocupar espaços e reconhecendo palavras das quais não tinham contato, vai surgindo também a necessidade de criar seu respectivo sinal.

Um exemplo para essa questão é a palavra “LINGUÍSTICA”, cujo sinal para representá-la até pouco tempo não existia e, conforme os surdos foram se inteirando do que significa esse conceito, surgiu-se o seu sinal (Ferreira-Brito, 1997, p. 9).

À vista disso, podemos dizer que os mecanismos usados em Língua Portuguesa e Libras são os mesmos, sendo diferenciadas por suas características visuais e oral-auditivas.

Como podemos observar, os princípios e mecanismos que são utilizados na estruturação de palavras a partir de unidades mínimas são os mesmos em português e em LIBRAS. O que difere é a natureza das características das unidades que são restritas pela modalidade oral-auditiva, em português, e pela modalidade visual espacial, em LIBRAS. É devido às mesmas restrições que as unidades ou fonemas do português se organizam ou estruturam sequencialmente ou linearmente no tempo enquanto que as unidades ou “fonemas” da LIBRAS se estruturam simultaneamente ou ao mesmo tempo no espaço (Ferreira-Brito, 1997, p. 9).

Por fim, todos esses mecanismos existentes na Libras fazem dela uma língua em movimento, viva, que se utiliza do contato humano e das práticas sociais para gerar as diferentes variações que encontramos quando estamos estudando essa língua; seja essas diferenças apresentadas na configuração de mão, no movimento ou no ponto de articulação. Todos eles compõem as unidades da Língua de Sinais e podem expressar os mais diversos sentimentos e conceitos.

Assim, é correto afirmar que as pessoas que falam língua de sinais expressam sentimentos, emoções e quaisquer ideias e conceitos abstratos. Tal como os falantes de línguas orais, os falantes de línguas de sinais podem discutir filosofia, política, literatura, assuntos cotidianos e etc. Nessa língua, além de transitar por diversos gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas, por exemplo (Gesser, 2009, p. 23).

CAPITULO 4 - METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio de uma análise de dados, que observa surdosadultos da comunidade do Mato Grosso do Sul e suas variações linguísticas na nomeação das cores.

A motivação para que essa pesquisa fosse realizada e tivesse como foco o léxico foi que, segundo Joan Bybee (2020), para os usuários de uma língua, as mudanças mais claras a serem observadas são as mudanças nas palavras, já que as palavras se transformam em novas por diferentes processos, sejam eles: de empréstimo, derivacionais ou composicionais, assim, eles mantêm algum nível de interação com outras línguas.

Assim, é possível analisar a heterogeneidade de várias línguas em que, algum momento, exercem influências sobre si.

Essa heterogeneidade linguística foi um dos pontos mais importantes neste trabalho. Por intermédio deste ponto principal, foi constituído um questionário (montado em duas partes) para que os dados pudessem ser obtidos. A primeira parte do questionário foi baseada em perguntas sobre o grau de escolaridade, além de como e com quem a pessoa aprendeu Libras.

4.1 ESCOLHA DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Esta pesquisa apresenta 10 voluntários surdos de idades diferentes, maiores de 18 anos, com escolaridades diversas do estado de Mato Grosso do Sul.

Para que eu chegasse até os voluntários, precisei ter uma rede de apoio envolvendo intérpretes e professores surdos, já que a comunidade surda tem sido historicamente suprimida e deslegitimada por ouvintes, o que dificultou o contato direto com esse grupo de pessoas. Sobre essa relação de ouvintes e surdos, Santana e Bergamo (2005) comentam:

Os surdos sempre foram, historicamente, estigmatizados, considerados de menor valor social. Afinal, faltava-lhes a característica eminentemente humana: a linguagem (oral, bem entendido) e suas virtudes cognitivas. Sendo destituídos dessas “virtudes”, os surdos eram “humanamente inferiores”. A língua de sinais era considerada apenas uma mímica gestual, e sempre houve preconceitos com relação ao uso de gestos para a comunicação. A exclusão profissional e social dos surdos ainda hoje confirma que a linguagem pode ser fonte de discriminação e de organização social restritiva. Essa discriminação não ocorre apenas quando há diferenças de nacionalidade, cor, perfil socioeconômico ou religião. Entre os surdos e os ouvintes há uma grande diferença que os distingue: a linguagem oral (Santana; Bergamo, 2005, p. 566).

Após esse contato com a rede de apoio, cada sujeito ficou ciente de que o anonimato seria respeitado e garantido pelo TCLE (figura 7), desse modo, os nomes apresentados serão mencionados como “voluntário 1”, “voluntário 2” etc., preservando a identidade de cada um.

Destaca-se, aqui, que a rede de apoio composta por amigos de surdos, familiares, professores e intérpretes foi fundamental para a realização desta pesquisa, pois promoveu o contato com os surdos de uma maneira fluída e amigável. Sem eles, esta pesquisa não aconteceria.

Em relação ao número de participantes para esse trabalho, esperava-se mais de 18, porém, com a minha pouca inserção na comunidade surda e a demora de um contato para o outro, tivemos que adaptar. Com isso, a rede de apoio conseguiu 10 voluntários dispostos a responder as perguntas.

Também no que diz respeito a diferença de sexo e idade, aqui, considera-se relevante, pois segundo Karnopp (2008, p. 6) algumas variações linguísticas podem estar ligadas a idade, sexo e escolaridade.

4.2 QUESTÕES DA ENTREVISTA

Dessa forma, a entrevista aconteceu com perguntas pré-formuladas em um vídeo produzido totalmente em Libras e com imagens que foram enviadas através do aplicativo WhatsApp².

Antes de o questionário ser aplicado, eu enviei aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, após o consentimento e a explicação de que nenhuma informação, nome ou foto do rosto, por exemplo, seria divulgado, o questionário foi aplicado via encaminhamento de vídeo em Libras e o formulário aqui apresentado é para o preenchimento em Língua Portuguesa para fins de análise.

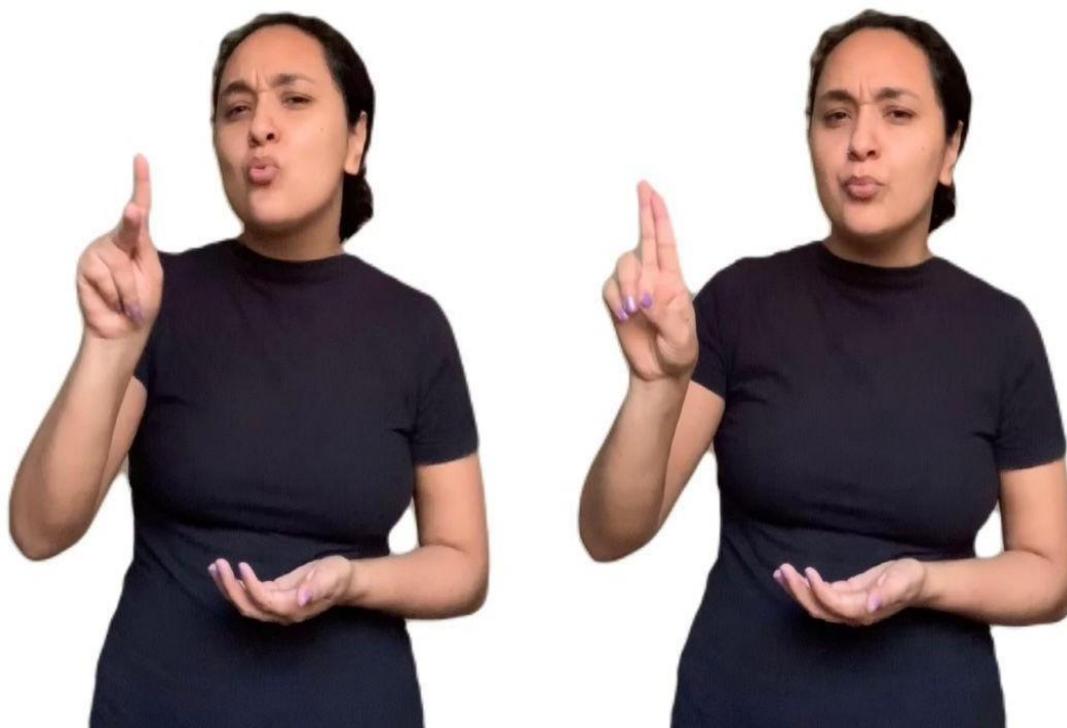
Em seguida, o voluntário se deparou com as seguintes perguntas³: “Qual seu nome?”; “Você aprendeu Libras quando?” e “Quem te ensinou Libras?”.

Todas as respostas, também, foram recebidas com vídeos pela plataforma *WhatsApp*, analisadas e transcritas neste trabalho.

² As entrevistas ocorreram via WhatsApp porque os voluntários estavam ou em outra cidade ou não queriam contato pessoalmente por algum motivo pessoal.

³ O vídeo foi encaminhado via WhatsApp.

Figura 10 – Qual seu nome?



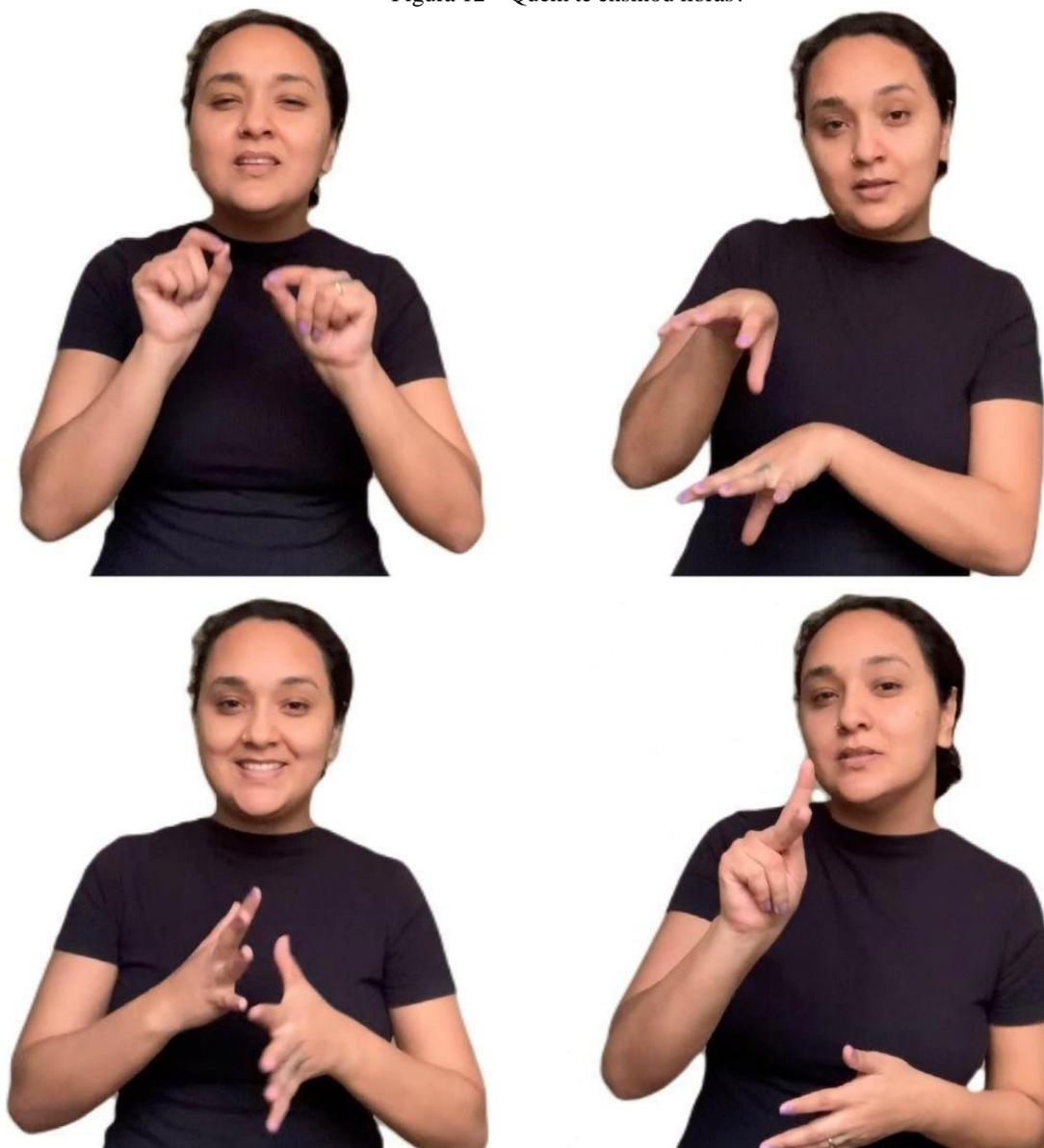
Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 11 – Você aprendeu libras quando?



Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 12 – Quem te ensinou libras?

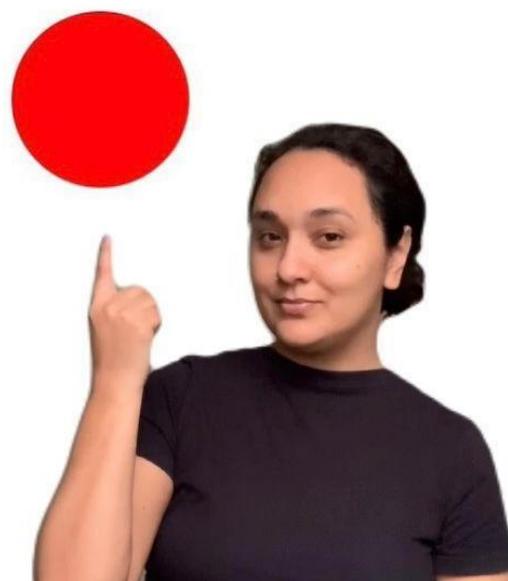


Fonte: elaboração própria (2023)

Com a primeira etapa do questionário feita, o segundo passo foi perguntar quais ossinais para as cores primárias sem associações e os sinais para cores com imagens⁴.

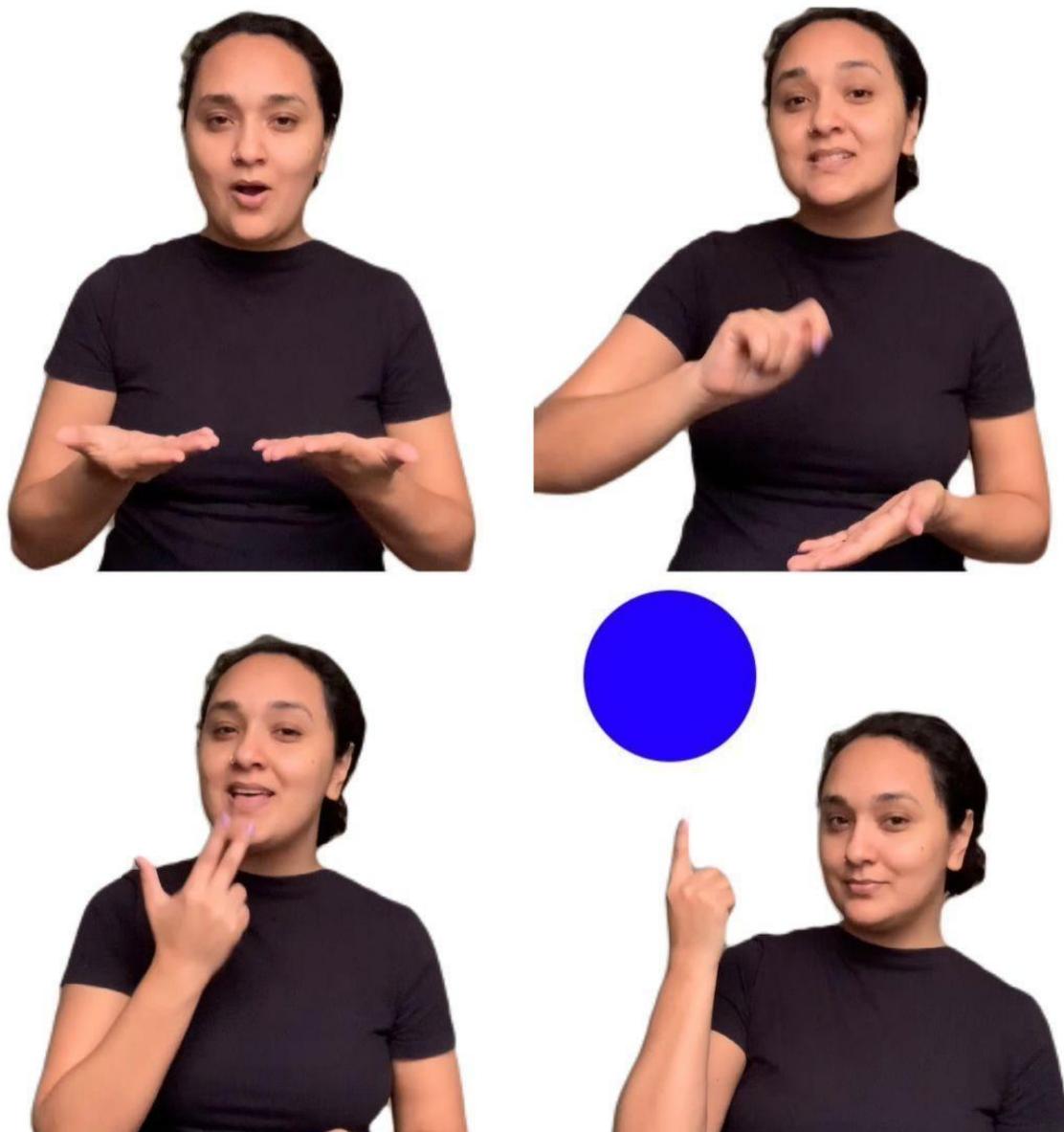
Figura 13- Qual sinal dessa cor? (cores primárias)

⁴ Algumas imagens, aqui, estão cortadas para enquadramento a fim de ilustrar o vídeo que os voluntários receberam via WhatsApp, mas o vídeo original não recebeu esses cortes.



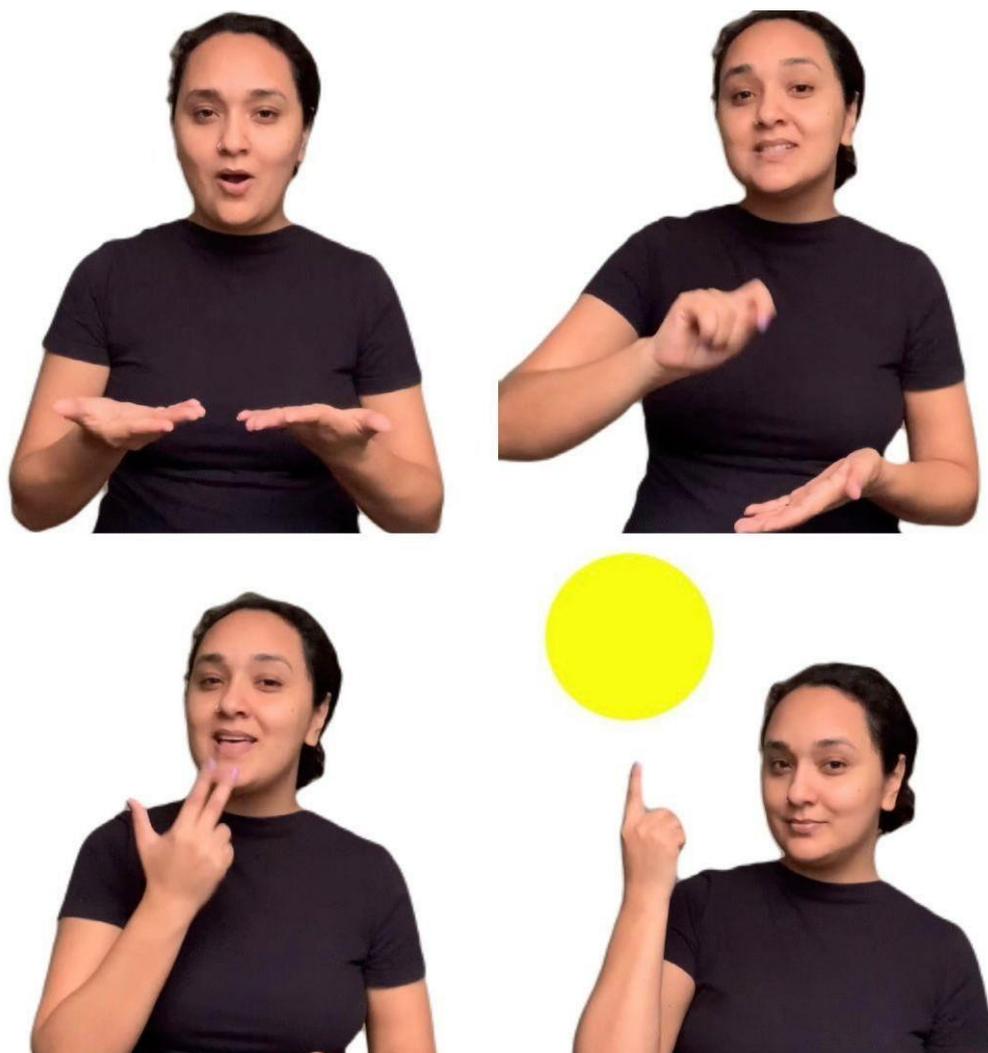
Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 14 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias)



Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 15 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias)



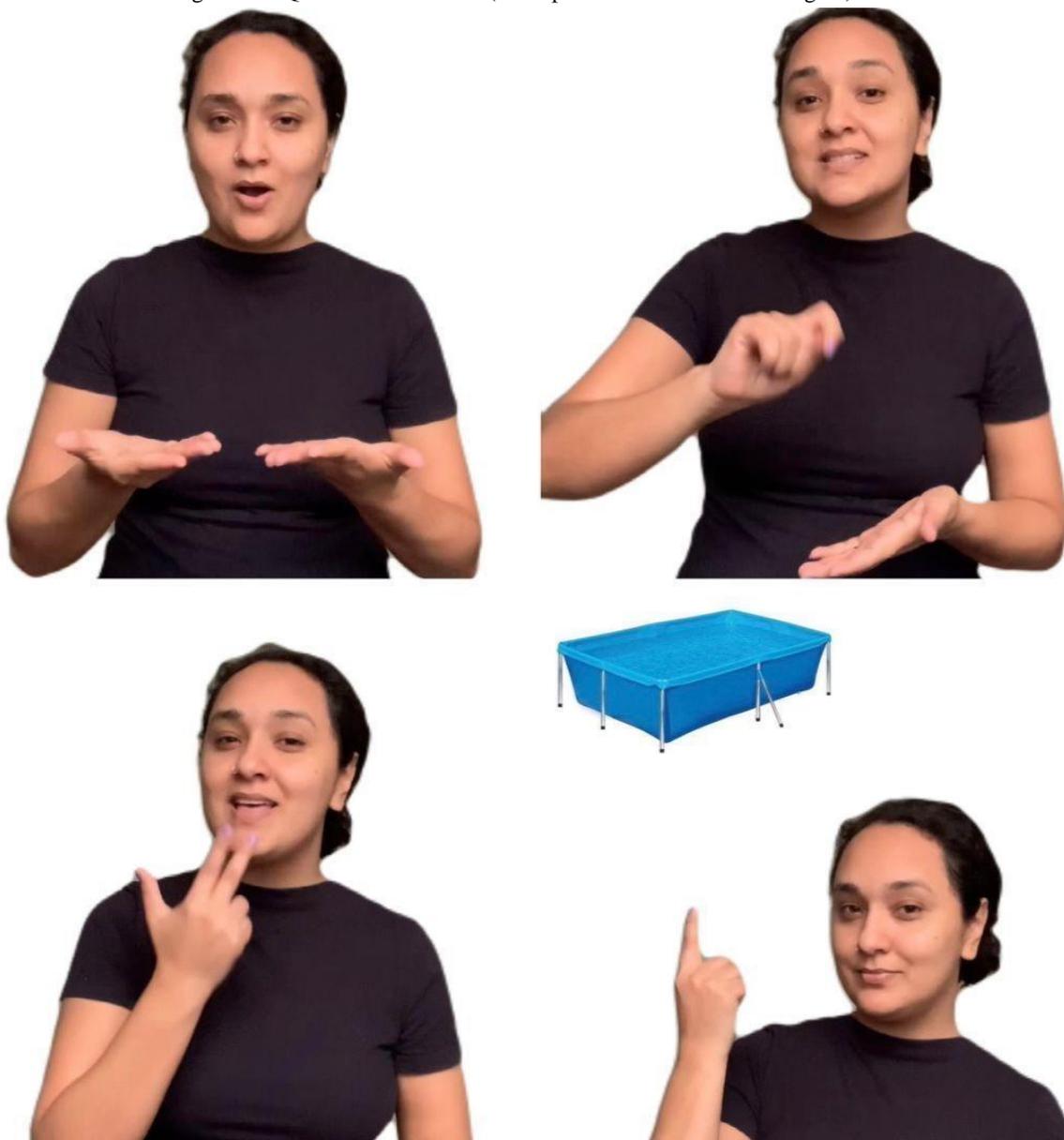
Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 16 - Qual sinal dessa cor? (cores primárias associadas a imagem)



Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 17 - Qual sinal dessa cor? (cores primárias associadas a imagem)



Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 18 – Qual sinal dessa cor? (cores primárias associadas a imagem)



Fonte: elaboração própria (2023).

Com todas as informações coletadas, pudemos analisar voluntário por voluntário, separando por idade, sexo e variação por cor apresentada.

Deste modo, cada resultando pôde ser exposto, neste trabalho, em forma de tabelas.

4.3 EXPLICAÇÕES SOBRE A ESCOLHA DAS PERGUNTAS

Esta pesquisa busca analisar se a relação entre sociedade e linguagem pode implicar diretamente na variação linguística do nome das cores na comunidade surda. Para isso, as perguntas foram elaboradas para que os parâmetros visuais da Libras – configuração de mão (CM), movimento (M), locação (L), orientação de mão (OR), expressões não manuais (ENM) – pudessem ser analisados e, assim, observar se há diferentes sinais para uma mesma cor quando

associadas a uma imagem e quando não associadas.

Se houver variações na sinalização, elas podem ser explicadas pela idade, escolaridade e até classe social, segundo Karnopp (2008, p. 6).

Todos os usuários da língua de sinais brasileira conseguem se comunicar uns com os outros e entendem-se bastante bem, apesar de não haver sequer dois que façam sinais da mesma maneira. Algumas diferenças devem-se à idade, escolaridade, maior ou menor contato com a comunidade surda, sexo, classe social, personalidade, estado emocional. O fato de sermos capazes de identificar pessoas conhecidas pela forma como falam (nas línguas orais) ou pela forma como fazem sinais (nas línguas de sinais) mostra que cada pessoa tem uma maneira característica de usar a língua, diferente das outras (Karnopp, 2008, p. 6).

Baseando-se nessa afirmação, as perguntas pessoais foram elaboradas para saber quando o voluntário aprendeu Libras e quem ensinou a língua a ele, colocando como ponto principal desse questionamento, aqui, a escolaridade e quanto tempo essa pessoa fala a língua materna.

Essas duas perguntas surgem para reforçar o fato de que diferenças pessoais na educação, por exemplo, influenciam nas variações linguísticas produzidas por essa comunidade que perpassou momentos delicados, como em 1880, no Congresso de Milão, onde 160 educadores e estudiosos da época se reuniram para decidir o futuro da educação dos surdos.

Nesse congresso, vários especialistas foram ouvidos e somente os ouvintes puderam votar nas pautas. Dessa maneira, apesar das Línguas de Sinais de vários países estivessem sendo faladas e aprendidas, para os especialistas ali reunidos, as Línguas de Sinais promoviam atraso e não poderiam continuar sendo a principal língua dos surdos.

Assim, decide-se que o método oralista deveria ser adotado como único e principal objeto de estudo para que esses alunos pudessem se desenvolver sem nenhum atraso e algumas resoluções foram criadas, como, por exemplo, a proibição da Língua de Sinais e a utilização de oralidade, ou seja, a utilização da fala pela pessoa surda.

Após esse triste episódio, professores surdos foram destituídos de seus postos e o método oralista começou a ser aplicado em todo o mundo no século XX, promovendo um grande atraso em todos os âmbitos.

Além disso, o aluno que era pego usando a Língua de Sinais para se comunicar era punido, chegando a ter suas mãos amarradas para evitar a comunicação.

Todas essas ações tiveram grande impacto na vida dos surdos, promovendo o contato tardio entre a maioria dos nativos e sua língua. Tal contato tardio com a Libras, no entanto, pode implicar em grandes interferências na língua, segundo Castro Júnior (2011).

Por isso, para além da análise sobre os pares mínimos na sinalização das cores, foi preciso também a análise sobre quem ensinou Libras para essas pessoas: Comunidade surda? Pais surdos? Pais ouvintes? Isso também tem relação na variação, visto o processo de aquisição da língua que esse sujeito foi exposto e os aspectos culturais que rodeiam essa comunidade, podendo apresentar

semelhanças ou diferenças em cada sinal.

As crianças surdas que nascem em lares de pais surdos interagem em Língua de Sinais, naturalmente, como os ouvintes, na língua oral-auditiva. Por conseguinte, crianças surdas, filhas de pais ouvintes, enfrentam dificuldades para se relacionar com os membros da família, caso não haja oportunidade de apropriação da Língua de Sinais, no tempo adequado, o que interfere, negativamente, em seu desenvolvimento linguístico e educacional (Ribeiro et al., 2019).

Já a respeito da cor, optei por escolher cores primárias que são consideradas “puras”, ou seja, que não há necessidade de misturar outras cores para formar, o que possibilitou uma resposta mais concisa na hora de analisar o sinal e diminuindo o risco de o voluntário confundir, por exemplo, com uma outra cor.

Para as perguntas de cores com associação de imagens/objetos, também optei por inserir imagens com o mínimo de outra cor, para que visualmente o voluntário pudesse ter uma visão mais limpa e, conseqüentemente, realizar o sinal daquilo que ele está vendo, sem interação de uma segunda cor.

Apesar dessa escolha de cor pura, é preciso lembrar que as perguntas foram realizadas a partir de um vídeo em uma plataforma digital, pois os voluntários preferiram essa interação virtual ou por motivo de distância não conseguiram presencialmente e essa interação digital pode, de alguma maneira, afetar a imagem que foi projetada no vídeo. O voluntário pode enxergar a cor mais clara do que realmente é ou enxergar mais escura do que realmente foi apresentada e isso pode, sim, produzir novas unidades lexicais.

CAPITULO 5 - ANÁLISE DOS DADOS

5.1 ANÁLISE DOS DADOS DOS VOLUNTÁRIOS

A pesquisa contou com 10 participantes das cidades de Dourados e Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Abaixo segue uma tabela com dados do sexo e idade de cada participante⁵.

Tabela 1 – Sexo e idade de cada voluntário

Voluntários	Sexo dos voluntários	Idade dos voluntários
Voluntário 1	Feminino	23 anos
Voluntário 2	Masculino	41 anos
Voluntário 3	Feminino	26 anos
Voluntário 4	Masculino	25 anos
Voluntário 5	Feminino	26 anos
Voluntário 6	Masculino	35 anos
Voluntário 7	Masculino	40 anos
Voluntário 8	Feminino	20 anos
Voluntário 9	Masculino	22 anos
Voluntário 10	Masculino	25 anos

Fonte: elaboração própria (2023).

A pesquisa contou com 4 mulheres e 6 homens com idades entre 20 e 41 anos, moradores do estado de Mato Grosso do Sul, que responderam perguntas enviadas pelo *WhatsApp*.

É preciso salientar que o documento usado para a análise dos sinais com as cores “puras” foi o dicionário online da Língua Brasileira de Sinais (Lira; Souza, s/d) disponibilizado no site do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Assim, foi possível ver se os sinais mantinham uma uniformidade ou se cada voluntário possuía um jeito totalmente diferente de sinalizar.

Em seguida, veja a resposta para a primeira pergunta direcionada aos voluntários⁶.

⁵ Seguindo as recomendações do TCLE a identidade de cada participante não foi exposta.

⁶ Cada voluntário foi nomeado como (voluntário 1, voluntário 2...) para que sua identidade fosse preservada.

Tabela 2 – Você aprendeu libras quando?⁷

Voluntário 1	Aprendeu Libras aos 16 anos na comunidade surda.
Voluntário 2	Aprendeu língua portuguesa (escrita) como sua primeira língua e posteriormente aos 6 anos aprendeu Libras com a comunidade surda.
Voluntário 3	Aprendeu Libras aos 2 anos com uma professora.
Voluntário 4	Aprendeu Libras quando criança com os pais surdos.
Voluntário 5	Aprendeu Libras com 12 anos com a comunidade surda.
Voluntário 6	Aprendeu Libras quando criança com uma professora surda.
Voluntário 7	Aprendeu Libras com a comunidade surda aos 13 anos.
Voluntário 8	Aprendeu Libras com 10 anos com os amigos surdos.
Voluntário 9	Aprendeu Libras com 2 anos com a mãe surda.
Voluntário 10	Aprendeu Libras com 8 anos com a comunidade surda.

Fonte: elaboração própria (2023).

Ou seja, 50% dos participantes aprenderam Libras após os 6 anos de idade e a outra metade aprendeu Libras com menos de 6 anos de idade.

Todos os entrevistados aprenderam a língua materna (Libras) com a comunidade surda, que envolve pais surdos, professores, amigos da causa e intérpretes.

Essas diferenças de idade na aquisição da Libras, para Viana Silva e Pereira Gonçalves (2020), são um fator de destaque na variação linguística, já que elas podem aparecer na contraposição de jovens e adultos e quando comparadas ao início da sua exposição à língua.

A partir dessas considerações, vejamos na tabela abaixo⁸ quais voluntários (listados pela idade) apresentaram variação nas sinalizações.

Tabela 3 – Voluntários por ordem de idade (maioridade a menoridade)

⁷ Os voluntários listados ao longo deste trabalho não estão em ordem, ou seja, pode acontecer, por exemplo, que a tabela 1 e 4 apresentem ordens diferentes de pessoas.

⁸ A tabela mostra os dados referentes a cor quando associada a uma imagem.

Voluntário de 41 anos	Não houve alteração nos sinais
Voluntário de 40 anos	Não houve alteração nos sinais
Voluntário de 35 anos	Houve alteração nos sinais
Voluntário de 26 anos	Não houve alteração nos sinais
Voluntário de 26 anos	Não houve alteração nos sinais
Voluntário de 25 anos	Houve alteração nos sinais
Voluntário de 25 anos	Houve alteração nos sinais
Voluntário de 22 anos	Houve alteração nos sinais
Voluntário de 23 anos	Houve alteração nos sinais
Voluntário de 20 anos	Houve alteração nos sinais

Fonte: elaboração própria (2023).

Seis dos voluntários apresentaram variação no sinal quando a cor foi associada a uma imagem; a idade entre esses voluntários variou de 20 a 26 anos⁹.

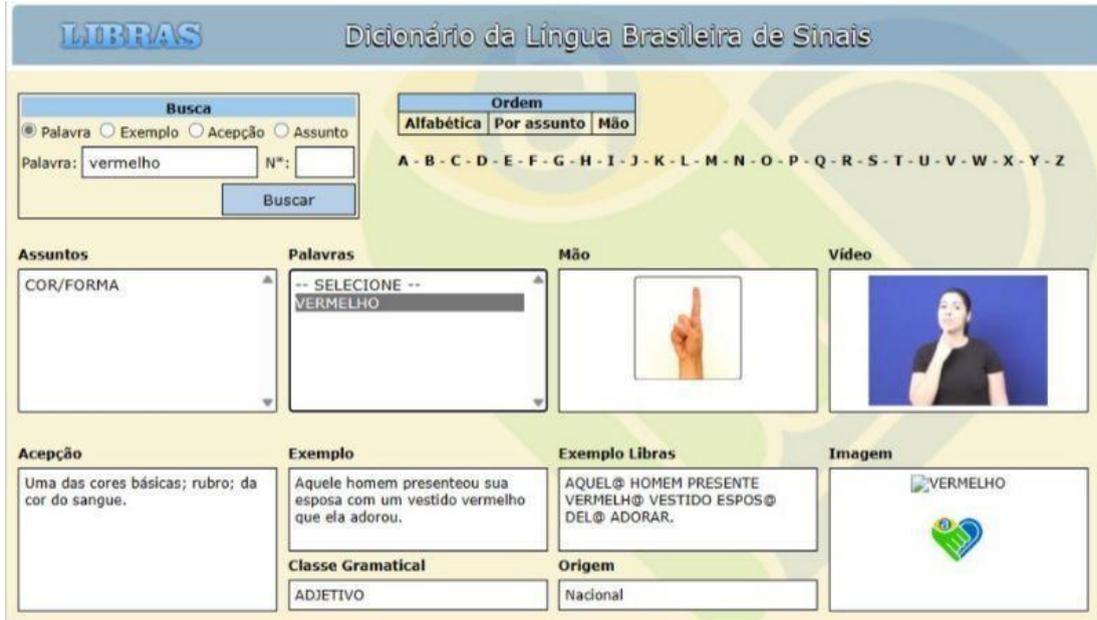
Já quando a idade oscilou entre 26 e 41. Apenas um voluntário apresentou variação na sinalização e os outros não demonstraram quaisquer alterações.

As alterações nos sinais foram percebidas quando as cores foram associadas a um objeto; quando as cores puras foram mostradas, nenhum voluntário apresentou alteração significativa na configuração de mão, movimento, locação ou orientação de mão seguindo os sinais apresentados pelo dicionário online do INES (Figuras 19, 20 e 21).

Os voluntários apresentaram uma uniformidade nos sinais quando expostos a imagens com cores puras, sempre analisados com base nos sinais apresentados no dicionário online do INES, como mostra a figura abaixo:

Figura 19 – Cor vermelha segundo o dicionário INES

⁹ Um voluntário de 35 anos também apresentou variação nos sinais.



Fonte: dicionário da Língua Brasileira de Sinais, online, INES.

Figura 20 – Cor azul segundo o dicionário ines



Fonte: dicionário da Língua Brasileira de Sinais, online, INES.

Figura 21 – Cor amarela segundo o dicionário ines

LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais

Busca
 Palavra Exemplo Acepção Assunto
 Palavra: N°:

Ordem
 Alfabética Por assunto Mão
 A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z

Assuntos
COR/FORMA

Palavras
-- SELECIONE --
AMARELO

Mão


Vídeo


Acepção
Da cor do ouro; da cor da gema do ovo; uma das cores chamadas básicas, pois sua mistura pode dar origem a muitas outras.

Exemplo
Aquela casa amarela é bonita.

Exemplo Libras
AQUEL@ CASA AMAREL@ BONIT@.

Imagem


Classe Gramatical
ADJETIVO

Origem
Nacional

Fonte: dicionário da Língua Brasileira de Sinais, online, INES.

Para o sinal “vermelho”, os voluntários fizeram as seguintes sinalizações: Mão direita em 1, com a ponta do indicador tocando abaixo do lábio inferior, movendo ligeiramente para baixo, curvando o dedo indicador, duas vezes.

Figura 22 – Sinal de vermelho segundo os voluntários



Fonte: elaboração própria (2023)

Para o sinal “azul”, as configurações de mãos foram: mão direita em A, palma para frente, descrever a letra Z e mudar para a mão em L.

Figura 23 – Sinal de azul segundo os voluntários



Fonte: elaboração própria (2023).

E, por fim, o sinal para “amarelo” tem a configuração da mão direita em D, palma para a esquerda, lado do indicador tocando a testa.

Figura 24 – Sinal de amarelo segundo os voluntários



Fonte: elaboração própria (2023).

Todas essas descrições de configuração de mão foram retiradas do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue*, de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael (2018), volumes I e II, e também do dicionário online (Lira; Souza, s/d), disponibilizado pelo site do INES.

Portanto, as cores, quando não associadas à imagem, apresentaram uma uniformidade nos

sinais; nenhuma apresentou ponto de locação, movimento ou configuração de mão diferentes dos apresentados nos dicionários consultados.

Agora, com as cores relacionadas a uma imagem, obtivemos algumas variações, vejamos a seguir na tabela 4.

Tabela 4 – Resultado das associações das cores com objetos

Voluntário	Sexo	Idade	Observações
Voluntário 1	Feminino	23 anos	Houve variação. “vermelho cereja”; “azul piscina”; “amarelo sol”.
Voluntário 2	Masculino	41 anos	Não houve variação.
Voluntário 3	Feminino	26 anos	Não houve variação.
Voluntário 4	Masculino	25 anos	Houve variação. “azul céu”; “vermelho sangue”.
Voluntário 5	Feminino	26 anos	Não houve variação.
Voluntário 6	Masculino	35 anos	Houve variação. “azul claro”; “amarelo claro”; “vermelho escuro”.
Voluntário 7	Masculino	40 anos	Não houve variação.
Voluntário 8	Feminino	20 anos	Houve variação. O participante sinalizou as cores “vermelha” e “azul” como cores “escuras”, e “ amarelo” como cor “clara”.
Voluntário 9	Masculino	22 anos	Houve variação. “azul mar”; “vermelho boca”; “amarelo claro”
Voluntário 10	Masculino	25 anos	Houve variação. “Azul céu”; “vermelho sangue”; “amarelo claro”

Fonte: elaboração própria (2023).

Acentuo que, quando afirmamos que não houve variação no sinal, é porque o voluntário não apresentou associação a nenhuma imagem, objeto ou adjetivo, apenas, realizou sinal da cor pura apresentado nos dicionários.

Já aqueles que associaram a cor a um objeto, imagem ou adjetivo, acabaram se destacando pela sua menoridade em relação aos voluntários mais velhos.

Dos 6 participantes que associaram a cor a uma imagem, apenas um tem mais de 30 anos; os outros ficaram entre os 20 e 25 anos.

Adiante, também pode se observar que a variação linguística foi recorrente em homens: 4 dos 6 participantes.

Além disso, todos os 10 participantes têm o Ensino Médio completo, Ensino Superior completo e incompleto. Nenhum candidato apresentou escolaridade com Ensino Fundamental incompleto.

Dessa forma, destaco que a maioria dos voluntários veio até mim por meio de contatos dentro da universidade, ou seja, a maioria dos entrevistados tem acesso ao Ensino Superior, ou já teve, o que, infelizmente, não é a realidade da maioria da comunidade surda. Em consonância a isso, Quadros (2004) afirma que 74% dos surdos não chegam a completar nem o ensino fundamental. Sobre essa questão Fernandes (1998) disserta:

A reversão deste quadro caótico passa necessariamente por uma nova concepção de surdo e de surdez, que priorize a diferença linguística e cultural características desse grupo minoritário, que aponte para as suas possibilidades e não apenas para suas limitações. Encarados sob um novo olhar, os surdos passam a ser pessoas que, diferentemente dos ouvintes, apresentam uma forma própria e original de organizar suas ideias e realizar sua comunicação. A falta de audição criou, para eles, a necessidade de realização de suas potencialidades linguísticas por outro meio, uma modalidade gestual-visual ou espacial-visual: a língua de sinais (Fernandes, 1998, p. 25-26).

Assim, podemos dizer que ter uma formação bilíngue (com a Libras sendo a primeira língua do surdo enquanto o português escrito, a segunda), desde a base educacional, reforça o comprometimento escolar da nossa sociedade com o desenvolvimento social dos surdos, pois, segundo Moura, Freire e Felix (2017, p. 1288), para que alunos surdos possam se desenvolver, é preciso que eles aprendam sua cultura e a sua própria língua. Logo, a Libras deve passar a ser seu principal meio de comunicação.

Para terminar, construímos uma tabela final¹⁰ para melhor esclarecimento de todos os dados recolhidos e analisados nesta pesquisa.

Tabela 5 – Resultados finais

Voluntário	Sexo	Idade	Escolaridade	Você aprendeu libras quando?	Quem te ensinou Libras?	Variações apresentadas
Voluntário 1	Masculino	35 Anos	Superior completo	Aprendeu Libras quando criança com uma professora surda.	Comunidade surda.	Sinal de azul + sinal de claro Sinal de amarelo + sinal de

¹⁰ Apresenta-se nessa tabela, somente, voluntários que demonstraram ao longo da pesquisa algum tipo de variação.

						claro Sinal de vermelho + sinal de escuro.
Voluntário 2	Masculino	25 Anos	Ensino médio completo	Aprendeu Libras quando criança com os pais surdos.	Comunidade surda.	Sinal de azul + sinal de céu Sinal de vermelho + sinal de sangue.
Voluntário 3	Masculino	25 Anos	Superior incompleto	Aprendeu Libras com 8 anos coma comunidade surda.	Comunidade surda.	Sinal de azul + sinal de céu. Sinal de vermelho + sinal de sangue. Sinal de amarelo + sinal de claro.

Voluntário 4	Masculino	22 Anos	Ensino médio completo	Aprendeu Libras com 2 anos com a mãe surda.	Comunidade surda.	Sinal de azul + sinal de mar. Sinal de vermelho + sinal de boca. Sinal de amarelo + sinal de claro.
Voluntário 5	Feminino	23 Anos	Ensino médio completo	Aprendeu Libras aos 16 anos na comunidade surda.	Comunidade surda.	Sinal de vermelho + sinal de cereja. Sinal de azul + sinal de piscina. Sinal de amarelo + sinal de sol.
Voluntário 6	Feminino	20 Anos	Ensino superior	Aprendeu Libras com 10 anos com os amigos surdos.	Comunidade surda.	Sinal de vermelho + sinal escuro. Sinal de azul + sinal de claro. Sinal de amarelo + sinal de claro.

Fonte: elaboração própria (2023).

Percebemos, pois, que a variação linguística aqui constatada teve diferentes influências como a idade, grau de escolaridade e fluência em Libras.

Os voluntários mais novos sinalizaram a cor juntamente com algum objeto ou adjetivo, como “claro” ou “escuro”. Também percebemos que, dos quatro voluntários masculinos que aprenderam Libras na infância, três associaram as cores a algum objeto e apenas um voluntário maior de 30 anos associou a cor a adjetivos.

A cor mais associada ao adjetivo foi a cor “amarela”, enquanto as cores mais escuras como “azul” e “vermelho” foram facilmente associadas a outras imagens recorrentes do nosso dia a

dia, como boca ou céu.

Já as mulheres que apresentaram algum tipo de variação nos sinais mostraram um contato tardio com a Libras: uma associou as cores aos adjetivos “claro” e “escuro” e a outra associou a outras imagens. Ambas completaram o Ensino Médio.

Ou seja, o que pensávamos no início do estudo ser variações que dependiam, somente, do aspecto regional mostrou-se mais amplo e mais complexo, tendo que ser considerado cada detalhe da vida do surdo, o seu olhar para as cores, o seu desenvolvimento dentro da Libras, o seu desenvolvimento educacional e, até mesmo, com quantos anos se deu o seu contato com a língua materna. Tudo isso resultou em diferentes variações lexicais para uma mesma cor.

A discussão acerca da variação linguística em Libras não pode se resumir somente a uma simples comparação deste processo que promove uma diversidade linguística e o enriquecimento do vocabulário. A organização de estudos destas variações em Libras está relacionada à percepção do mundo e à construção de significados. Pode-se afirmar que, na Libras, encontra-se uma condição linguística de alta complexidade, resultante dos processos de aquisição da língua, dos aspectos culturais e do impacto político e social de tais aspectos na vida dos Surdos. E esses fatores dependem de variáveis como os usos da língua, os interlocutores proficientes, as possibilidades de adquirir uma segunda língua, os métodos formais ou informais de aprendizagem de uma segunda língua, além da relação de cada sujeito com a Libras e a Língua Portuguesa (Castro Garcia, 2018, p. 10).

Portanto, além de analisar as unidades lexicais, esta pesquisa tem como intuito reforçar o status de língua viva da Libras e, assim, mostrar quão diversa ela é, podendo ser concebida pela sociedade como uma língua “normal” que compõe a identidade de um povo.

Conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, tem repercussões também sociais. Ser normal implica ter língua, e se a anormalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se configura a língua de sinais como língua do surdo, o estatuto do que é normal também muda. Ou seja, a língua de sinais acaba por oferecer uma possibilidade de legitimação do surdo como “sujeito de linguagem”. Ela é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença, em normalidade (Santana; Bergamo, 2005, p. 567).

Já analisamos as respostas dos voluntários, falamos da estrutura da língua de sinais, de como o contato tardio pode gerar variações, da cultura em geral e agora vamos adentrar no universo das cores e ver como a partir da visão, luz e comprimentos de ondas isso afeta o léxico de uma língua quando analisamos a sua cor.

5.2 A VISÃO, A LUZ E AS CORES

Na nossa pesquisa, observamos que as cores fortes e intensas (“azul” e “vermelha”) foram associadas, na maioria das vezes, a uma imagem pelos nossos voluntários. Entretanto, a cor “amarela” em alguns momentos aparece como adjetivo.

A hipótese explicativa que temos para isso é que, segundo Anne Scarinci e Fábio Marineli (2014), a palavra *COR* assume três categorias: a categoria de correlacionada ao objeto; a cor como

comprimento de onda emitida e a cor como uma sensação do que os olhos veem e o cérebro entende.

Nesse caso, entende-se que a cor “amarela” pode ter sido percebida como uma sensação, não surgindo a necessidade de relacioná-la a algum objeto e, sim, a um adjetivo (claro) que pode qualificar e atribuir uma característica a essa cor.

Uma consideração inicial necessária é que a palavra “cor” é polissêmica, podendo assumir três significados: a cor como propriedade de um objeto (ex. uma parede amarela), a cor como um determinado comprimento de onda eletromagnética emitida (ex. feixe amarelo de 580 nm) e a cor como sensação no olho-cérebro. Dizer que um objeto é amarelo significa que sempre que se incide luz branca nele, a cor percebida pelo olho humano normal é amarela. Uma parede amarela, por exemplo, (amarelo = propriedade da parede), pode emitir vários “conjuntos” de comprimentos de onda sem necessariamente emitir na faixa amarela do espectro. Um objeto que reemite a luz solar somente nas faixas em torno de 520 nm (verde) e 700 nm (vermelha) pode ser percebido como amarelo, mesmo sem emitir luz alguma na faixa amarela (que é em torno de 560 a 580 nm). Ou seja, a percepção visual de uma cor não implica necessariamente que o objeto esteja emitindo luz na faixa de comprimentos de onda dessa cor; por isso a distinção entre a cor como sensação olho/cérebro e cor como comprimento de onda (Scarinci; Marineli, 2014, p.2).

Ainda nesse sentido, segundo Scarini e Marineli (2014), isso ocorre porque existe um processo até o que consideramos “cor” chegar ao nosso cérebro.

Quando captamos uma cor, recebemos estímulos luminosos que chegam até os nossos olhos e passam pela retina; na retina, essa assimilação emite informações para o cérebro; o cérebro combina as informações recebidas pela retina, fazendo, assim, associações com o que temos na memória,

Logo, inferimos que supostamente os voluntários poderiam não possuir na memória um objeto específico para a associação da cor “amarela” ou das outras cores nas quais os outros voluntários não tiveram alguma associação.

Para exemplificar, os autores dão como exemplo a imagem da maçã; mesmo que sobre ela tenha-se pouca iluminação ou iluminação artificial, tendemos a identificá-la como vermelha, porque na nossa memória, através das nossas vivências, a maçã é vermelha, assim fazemos esse processo de associação.

Dessa maneira, hipoteticamente, aconteceria com as cores que não foram associadas a alguma imagem.

Se os voluntários tivessem uma imagem específica sobre ela, mesmo com a incidência de luz sendo insuficiente, por exemplo, associá-la-íamos a algum objeto mesmo que esse objeto fosse em tons diferentes da cor apresentada.

Dessa forma, sobre essas informações, podemos dizer que o processo de associação da cor se deve à sua forma de utilização na sua cultura e da sua importância, transmitindo informações e significados que fazem sentido dentro do seu dia a dia e são representados pela unidade lexical.

Por conseguinte, essa característica do léxico, de ser um sistema amplo e não cristalizado, faz com que a história cultural de um povo seja sempre recontada a partir da sua percepção social sobre o que é relevante ou não, seja na comida, vestimenta, costumes ou a própria cor, podendo mudar conforme os anos.

E sobre isso Martins e Zavaglia (2016) comentam:

Com efeito, os conceitos evoluem de acordo com as mudanças sofridas pela sociedade, proporcionando novos significados, determinados pelo uso que fazemos das palavras, e que coexistem com outros significados já existentes.

Claro que essa evolução também está presente no campo das cores, pois no decorrer de sua história, o homem foi aprimorando seu aparelho visual e, apoiado na evolução econômico-tecnológica que possibilitou a produção de novas cores, ampliou o léxico a elas envolvido, dando à linguagem outros sentidos e tornando a relação linguístico - extralinguístico cada vez mais próxima (Martins; Zavaglia, 2016, p. 84).

Por isso, ao analisarmos as respostas dos voluntários, percebemos que, mesmo os surdos fazendo parte da mesma comunidade, o seu olhar e suas associações ganham novas perspectivas, ou seja, a cor e respectivamente seu sinal mudará, pois cada língua, de um jeito próprio, retrata e diferencia o feixe cromático à sua maneira, segundo Zavaglia (2006, p. 27).

Há também a relação da saturação e a intensidade de luz que esses espectros apresentam e faz com que tenhamos essas relações de mais forte, mais claro, mais intenso, menos intenso, que produzem novas unidades lexicais.

A saturação diz respeito à pureza do feixe, ou, o quanto determinado matiz se sobrepõe ao restante do espectro que está sendo emitido. Se de um objeto recebemos luz azul misturada a uma grande quantidade de luz branca (emissão em todos os comprimentos de onda do visível), dizemos que há baixa saturação do azul e percebemos uma cor azul pastel em contraposição a um azul forte, brilhante, no caso da emissão do azul com a absorção dos outros comprimentos de onda. A luminosidade refere-se à intensidade total do feixe. Desta forma, podemos ter um objeto emitindo azul em pouca intensidade, resultando na cor azul escuro. (Scarinci; Martineli, 2014, p. 3).

Podemos ver essas novas unidades lexicais em “vermelho sangue” apresentado na pesquisa, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, podemos observar que a variação linguística na Libras, neste trabalho, foi além de uma análise formal da estrutura; refletimos sobre política, história e sociedade.

Essa reflexão deu-se, pois acreditávamos que poderíamos analisar somente a estrutura gramatical, mas a história da Língua de Sinais nos força a olhar além, uma vez que foram anos tendo essa língua estigmatizada e considerada sem valor, até mesmo tendo sido proibida de se usar.

Assim, tivemos que analisar, juntamente com a estrutura da língua, o grau de escolaridade do voluntário, o contato com a língua materna, o ciclo social, a idade, a região e, de cada voluntário, como ele enxergou e nomeou aquela determinada cor.

Entendemos também que se o léxico é tudo que vemos, associamos e nomeamos e cada pessoa vê, associa e nomeia de um jeito diferente, os nomes das cores também sofrem essas mudanças, já que a cor depende de vários fatores como quantidade de luz na retina e das ondas que chegam para o nosso cérebro, ou seja, a mesma pessoa não enxergaria a mesma cor que a outra, assim nomeando como a vê e implicando diretamente na sua variação lexical.

Nesse sentido, o estudo se revelou mais amplo e complexo do que o esperado, foi além de um estudo sobre variações linguísticas regionais do Mato Grosso do Sul (Dourados e Campo Grande), como também uma constatação de percepção de mundo e comparações de processo na aquisição da Língua Brasileira de Sinais, pois cada voluntário teve uma experiência única no processo educacional.

Apesar de todos os voluntários possuírem o Ensino Médio Completo, alguns tiveram o contato com a língua materna tardiamente, alguns com 8 anos e outros com 16 anos de idade, todos dentro da comunidade surda que é composta de familiares, amigos e professores surdos ou ouvintes formados e capacitados em Língua Brasileira de Sinais.

Em síntese, podemos afirmar que, mesmo com todos os avanços e leis decretadas assegurando a Libras como a primeira língua do surdo, ainda temos pessoas que são obrigadas a aprenderem a Língua Portuguesa escrita como sua primeira língua, ou, ainda, tiveram o contato somente depois de anos com sua comunidade, ficando distante da sua cultura e da visão de mundo que só ela pode proporcionar a cada sujeito.

Por isso, descrever as variações linguísticas existentes na Libras é importante para incentivar outros pesquisadores e, assim, podermos construir, futuramente, um dicionário físico ou virtual, como o site do INES, visando somente as cores e suas variações no léxico,

para que a sociedade surda e ouvinte possa usufruir desse material. Além disso, é imprescindível também poder consolidar a Libras como língua comum e natural de um povo, desmistificando os preconceitos que cercam a comunidade surda, elevando a sua língua além de um status linguístico e, sim, uma construção social.

REFERÊNCIAS

ARCAINI, Enrico. **Analisi linguística e traduzione**. Bologna: Patron, 1991.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **A Estruturação Mental do Léxico**. In: Estudos de Filologia e Linguística. São Paulo: Edusp, 1981.

_____. **Teoria Linguística**. 2.ed. São Paulo: MartinsFontes, 2001.

_____. **Léxico e vocabulário fundamental**, São Paulo, p. 27-46, 1996.

_____. Terminologia/Artigos. **O conhecimento, a terminologia e o dicionário**, 2006.

_____. **Unidades complexas do léxico**. In Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela. vol. 2. Unesp, 2005. p. 747-757.

_____. **As Ciências do Léxico: Lexicologia e Lexicografia Terminologia**. 2ª Edição. ed. Campo Grande – MS: 2001.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de abril de 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005.

BYBEE, Joan. **Mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. Petrópolis: Vozes, 2020.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte (Ed). **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. 2. ed. Ilustrações de Silvana Marques. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.v. I: sinais de A a L e v. 11: sinais de M a Z.

CARDEIRA, Esperança; VILHALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **A Especulação das Cores**. [s. l.], 2016.

CASSIANO, Paulo Victor. **O SURDO E SEUS DIREITOS: OS DISPOSITIVOS DA LEI 10.436 E DO DECRETO 5.626**, [S. l.], p. 1 - 28, 21 maio 2017.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: focono léxico**. 2011, 123 f. il. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DE LIMA, Gabriel Emanuel Leite; RIBEIRO, Emerson. **ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**. IV CINTEDI, [s. l.], 2021.

DE MELLO, Vera Lucia Martins. **Instrumentação para o Ensino de Física IV: A Percepção das Cores**. cap. 9, p. 179-205. 2012.

DE MELLO, Vera Lucia Martins. **A Percepção das Cores**. [S. l.], p.180-203, 3 nov. 2022.

DE PAULA, Maria Helena. **RASTROS DE VELHOS FALARES** – Léxico e cultura no vernáculo catalano, Araraquara, p.1 e 521. 2007.

FELIPE, TANYA AMARA; MONTEIRO, MYRNA. **Libras em Contexto: Curso Básico -**

Livro do Professor. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2007.

FERRARI, Lilian. **Introdução à linguística cognitiva**. Contexto, 2011. 176 p. v. 1ª edição.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. In: et al. (Org.). Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental/vol.III: Língua Brasileira de Sinais. Brasília: MEC/SEESP, 1997. (Série Atualidades Pedagógicas).

FERNANDES, Sueli. **Surdez e linguagem: é possível o diálogo entre as diferenças?** Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 1998.

FREIRE, E. L.; MOURA, A. A. de; FELIX, N. M. Escolas Bilíngues para surdos no Brasil: uma luta a ser conquistada. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 1283–1295, 2017.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS - INES. Disponível em <<https://www.ines.gov.br>>. Acesso em: 21 de jan. 2023.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato**. 2010. 112 f. Dissertação (Mestranda em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2010.

NOUBEL, Filip. **Um mar de tons vermelhos: celebrando o Ano Novo Chinês**. [S. l.], 2020. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2020/01/28/um-mar-de-tons-vermelhos-celebrando-o-ano-novo-chines/>>. Acesso em: 16 nov. 2022.>

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Título I ao Título IX. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> . Acesso em: 10 de nov. 2022.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **LEI nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. 1º artigo ao 5º. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 10 de nov. 2022.

RIBEIRO, Maria da Conceição Santos. **As cores e a visão das cores**. Orientador: Professora Doutora Sandra da Costa Henriques Soares. 2011. Dissertação (Mestre em Optometria em Ciências da Visão - Ciências da Saúde) - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, [S. l.], 2011.

PEDROSA, Israel. **Da cor à cor inexistente**. 6. ed. Rio de Janeiro: L. Christiano, 1977.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreiral. **Língua Brasileira de Sinais I**, Florianópolis, p. 1-39, 2009.

RAMBAUSKE, Ana Maria. **Decoração e Design de Interiores: Teoria da Cor**. s.d.

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri. **Perspectivas da escola inclusiva:** Algumas reflexões. In: RIBEIRO, M. L.; BAUMEL, R. C. (Org.). Educação especial: do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, p.41-51, 2003.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARINCI, MARINELI. **O modelo ondulatório da luz como ferramenta para explicar as causas da cor**, 2014.

SILVA, Leandro Viana; GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. A mudança lexical em Libras: um estudo preliminar em Goiás. **Signótica**, 2020.

SITE G1 (SE). **70% dos estudantes deficientes auditivos estão atrasados na escola**. 11 fev. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2014/02/70-dos-estudantes-deficientes-auditivos-esta-o-atrasados-na-escola.html>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOUZA, Paulo Renato. **Presidência da República Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos**. In: Presidência da República Casa Civil. [S. l.], 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 9 nov. 2022.

SOUZA, Iranilde dos Santos Rocha; SOUZA, Rita de Cácia dos Santos. Cultura e Identidade surda: a libras como instrumento de inclusão. **IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil: "Educação e Contemporaneidade"**, [S. l.], p.1-9, 2015.

STROBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade à distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

ZAVAGLIA, Claudia. **Dicionário e Cores**. [s. l.], 2006.

ZAVAGLIA, Claudia; MARTINS, Sabrina de Cássia. **Simetrias e assimetrias na representação linguística:** o caso das unidades lexicais formadas por nomes de cores. [s. l.], 2016.